

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

Campus Ipiranga

Orlando Pereira dos Santos

**A “ERA DIGITAL” COMO *LOCUS* DA HODIERNA EXPERIÊNCIA DA
REVELAÇÃO DE DEUS: UM DIÁLOGO ENTRE TEOLOGIA E CULTURA EM
BRUNO FORTE**

SÃO PAULO

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

Orlando Pereira dos Santos

**A “ERA DIGITAL” COMO *LOCUS* DA HODIERNA EXPERIÊNCIA DA
REVELAÇÃO DE DEUS: UM DIÁLOGO ENTRE TEOLOGIA E CULTURA EM
BRUNO FORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharelado em Teologia, sob orientação do Prof. Dr. Pe. Dayvid da Silva.

SÃO PAULO

2024

Orlando Pereira dos Santos

**A “ERA DIGITAL” COMO *LOCUS* DA HODIERNA EXPERIÊNCIA DA
REVELAÇÃO DE DEUS: UM DIÁLOGO ENTRE TEOLOGIA E CULTURA EM
BRUNO FORTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharelado em Teologia, sob orientação do Prof. Dr. Pe. Dayvid da Silva.

Aprovado em: ____/____/____

ORIENTADOR: Prof. Pe. Dayvid da Silva

AGRADECIMENTOS

À Santíssima Trindade, “beleza tão antiga e tão nova”, fonte de toda inspiração, sabedoria e comunhão, sentido primeiro e último de todo viver, existir, pensar, falar, conhecer e agir no amor.

A Imaculada e sempre Virgem Maria, Mãe de Deus (Nossa Senhora da Conceição) por me acompanhar com o olhar de misericórdia, enquanto em meu êxodo humano busco rezando compreender o mistério do Advento de Deus que nos encontra e se deixa encontrar por nós em sua revelação salvífica.

A São José, o justo e silencioso esposo de Maria, pai adotivo de Jesus e patrono da Igreja, que me inspira no peregrinar da vida, a sonhar os sonhos de Deus, colocando-me a serviço da realidade do Reino.

A meu pai e fundador São Gaspar Bertoni pela entusiasta e bela confiança em Deus. Homem do “santo abandono”, sensível e dócil ao Espírito Santo. Acolhedor de um carisma, cuja espiritualidade atualiza na história humana a história da salvação.

À minha família-irmãos, irmãs, sobrinhos e meus pais, João Moreira dos Santos (*in memoriam*) e Esmeraldina Pereira dos Santos. Minha eterna gratidão pelo testemunho de vida e sensibilidade ao me acompanharem nesse processo, com orações e incentivo.

Ao amado Papa Francisco, cujo testemunho de humanidade e vida fazem-me esperar no exercício missionário da misericórdia, do cuidado para com a “casa comum” e da fraternidade universal. Virtudes próprias de quem se deixa formar pela “alegria do Evangelho”.

Aos pobres, meus irmãos prediletos, que me inspiram na vivência dos Conselhos Evangélicos de Pobreza, Obediência e Castidade, e, aos quais, desejo a exemplo de Cristo, o Bom Samaritano do Pai, “amar até o fim” (Jo 13,1).

À Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo - leigos e leigas, religiosos e padres (consagrados), que, por meio de suas ajudas e orações, tornaram possível a mim uma excelente formação humana-teológica.

À comunidade religiosa estigmatina da Área Pastoral Missionária São Gaspar Bertoni e a todo o povo de Deus que fazem acontecer a missão de Cristo nessa querida comunidade.

Ao professor Pe. Dayvid da Silva, que competente e habilidosamente me orientou na elaboração desse trabalho teológico.

A todos os professores (teólogos), orientadores do conhecimento, amantes da sabedoria, contempladores do mistério inefável da Trindade e funcionários da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP).

Ao Pe. Gilberto Dias Nunes, meu formador cujo testemunho de Vida Religiosa Consagrada ajuda-me no processo de assimilação e discernimento da vontade de Deus.

Aos professos (confrades), pelo apoio, incentivo e comunhão na arte de ser e viver em comunidade.

Sou imensamente grato ao meu amigo no discipulado, Ir. Emiliano Manuel Alvarez Rodriguez, com quem compartilho a vida, os sonhos, os projetos, as dificuldades e a amizade com Cristo; presença iluminadora no meu processo de crescimento humano-espiritual. Um irmão que com sua presença, palavras, gestos e ações ensina-me a permanecer na alegria ou na dor, com os olhos fixos na Cruz, coração unido ao Divino Salvador e aberto aos irmãos e irmãs.

RESUMO

A cultura da virtualidade-digital apresenta-se como um desafio à religião natural-institucional, à teologia e à própria eclesiologia. Nesse cenário, as crenças e experiências mistagógicas de fé são questionadas pela revolução tecnológica e do pensamento. Diante disso, é oportuna a interrogação: é possível a antro-po-teológica *práxis* eclesial de escutar e de falar do Deus revelado no hodierno e complexo *locus* da fé que é a internet? O escopo da pesquisa radica-se nas elocubrações teológicas de Bruno Forte e de outros teólogos que tratam e apresentam o mistério da Revelação cristã em constante diálogo com o mistério existencial do ser humano no mundo-vida. Nesse arcabouço, a “Era Digital” é identificada como *locus* extensivo da vida eclesial e da experiência humana-cristã da fé em conexão. Nesse horizonte teológico, o revelar-se de Deus em favor da humanidade é traduzido pelas categorias de “advento e êxodo”. Concluiu-se, então, estabelecendo um diálogo entre Teologia e Cultura-comunicativa, que teologia e cultura, fé e razão, devoção e mística devem ser concebidos pela eclesiologia como instrumento articulador das relações interpessoais e sociais com o mistério Divino. Para isso, é necessário formar comunicadores que possam dialogar com as ciências constituídas e com as múltiplas e possíveis culturas. Desse modo, entende-se que a pesquisa representa um estilo de pensar e fazer ciência teológica-pastoral em desenvolvimento, elucidando as questões hodiernas da fé religiosa-eclesial no mundo da virtualidade, o qual optou-se por denominar de *locus* teológico.

Palavras-chave: “Era Digital”. Internet. Teologia. Diálogo. Cultura.

ABSTRACT

The digital-virtuality culture presents itself as a challenge to natural-institutional religion, theology, and ecclesiology itself. In this scenario, mystagogical beliefs and experiences of faith are questioned by the technological and thought revolution. Given this, the question is timely: is the anthropo-theological ecclesiastical praxis of listening to and speaking about the God revealed in the modern and complex locus of faith that is the internet possible? The scope of the research is rooted in the theological elucubrations of Bruno Forte and other theologians who deal with and present the mystery of Christian Revelation in constant dialogue with the existential mystery of the human being in the lifeworld. In this framework, the “Digital Age” is identified as an extensive locus of ecclesiastical life and the human-Christian experience of faith in connection. In this theological horizon, God's revealing himself in favor of humanity is translated into the categories of “advent and exodus”. To this end, the categories exodus and advent are used to demonstrate how the author develops thoughts about the existential mystery situation of the human being in relation to God and others in the world-life plan. In this framework, the “Digital Age” is identified as an extensive locus of ecclesiastical life and the human-Christian experience of faith in connection, identifying how people seek experience. In this theological horizon, the revelation of God in the media in favor of humanity is translated by the categories of communication, especially in the social environments of the internet “advent and exodus”. In conclusion, by establishing a dialogue between Theology and Communicative Culture, that theology and culture, faith and reason, devotion and mysticism must be conceived by ecclesiology as an instrument for articulating interpersonal and social relationships with the Divine mystery. To achieve this, it is necessary to train communicators who can dialogue with established sciences and with multiple and possible cultures. In this way, it is understood that the research represents a style of thinking and doing theological-pastoral science in development, elucidating current issues of religious-ecclesial faith in the world of virtuality, which we chose to call the theological locus.

Key-words: "Digital age". Internet. Theology. Dialogue. Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
I – O REVELAR-SE DE DEUS COMO ADVENTO NO ÊXODO HUMANO	7
1.1 “Silêncio e Palavra”: <i>locus</i> e linguagem da autocomunicação Trinitária de Deus na história	11
1.2 A Revelação na abordagem pneumática do encontro: “Deus e homem, homem e Deus”	16
1.3 “Êxodo e Advento”: Uma hermenêutica da Revelação cristã	22
1.4 Considerações parciais	26
II – A VIVÊNCIA DA FÉ CRISTÃ NA HODIERNA CULTURA DA DIGITALIZAÇÃO	28
2.1 O tema da fé no horizonte histórico e Bíblico-teológico	30
2.1.1 A concepção de fé na Patrística	32
2.1.2 A fé no período medieval e moderno	34
2.2 A concepção de fé na eclesiologia do Concílio Vaticano II	35
2.3 Fé e Era Digital: Teologia e cultura em diálogo	38
2.4 Considerações parciais	46
III – A MISTAGOGICA EXPERIÊNCIA DO SENTIR E PENSAR DEUS NA “ERA DIGITAL”	49
3.1. Experiência de Deus: uma abordagem teológica	51
3.2. Experiência e discernimento na cultura internética	55
3.3. Atualização e relação como epifania de uma teologia da cultura: vias de anúncio e diálogo na Era Digital	61
3.3.1. A teologia da cruz como sentido da mística cristã na atualidade	64
3.4. Considerações parciais	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

INTRODUÇÃO

É importante iniciar a apresentação deste estudo situando-o culturalmente, em vista da qual se desenvolverão as reflexões e projeções, ou seja, entender que a abordagem é teológica-cultural e racionalmente situada. O presente trabalho busca sintetizar o tema da “Era Digital” como *locus* da hodierna experiência da revelação de Deus: um diálogo entre teologia e cultura em Bruno Forte. Especificando ainda mais, pode-se explicar que o núcleo de partida da pesquisa é a fé pessoal-ecclesial em diálogo com o mundo e história da “geração net”, a luz da “forma” e “conteúdo” da revelação. Conforme Bruno Forte, “o advento do Deus vivo visita o êxodo do condicionamento histórico, abrindo-o mediante a fé e a esperança para o sentido possível e sempre novo: o amor” (Forte, 1995, p.8). Nesse amor, radica-se a experiência do exercício pastoral-espiritual da Igreja no mundo.

No acontecer dos fenômenos históricos, encontra-se “o convite a vivermos a vida como autodestinação para o Deus três vezes Santo” (Forte, 1995, p.7). Logo, o povo chamado responde, acolhendo no mistério da vida o mistério de Deus. E, apesar das muitas experiências religiosas-ecclesiais, continuam a sua busca, pois trazem em si uma livre abertura para acolher de modo experiencial-místico o manifestar-se de Deus, através do Verbo encarnado.

A pesquisa propõe-se, a pensar a relação entre Teologia e Cultura na perspectiva da comunicação de uma experiência encarnada de Deus. Na atualidade, essa experiência se concretiza de modo complexo no mundo da internet. O objetivo da nossa pesquisa consiste em apoiado na Teologia de Bruno Forte, estabelecer uma reflexão que acalore a necessidade de um autêntico diálogo entre a Cultura do virtual-digital e a Teologia da revelação cristã.

Partindo desses pressupostos, estruturou-se a pesquisa em três capítulos. Cada um deles explora temas diferentes, mas que estão interligados, pois constituem uma lógica contínua de pensamento. No primeiro capítulo, há uma reflexão sobre a Revelação cristã na perspectiva teológica de Bruno Forte. Nesse horizonte, a hermenêutica teológica da revelação é desenvolvida e explicada a partir da relação Advento divino e Êxodo humano.

O segundo capítulo aborda a vivência da fé cristã na hodierna cultura da digitalização. Uma abordagem sobre o contexto “Era Digital”, cultura midiática e suas implicações na experiência da fé. A reflexão acentua que a fé proclamada e testemunhada no mundo ecclesial-cristão, confronta-se com os novos e simbólicos paradigmas de linguagens disponíveis no contemporâneo da história. Os novos símbolos e signos ocupam ambientes e configuram novas

culturas que incidem, diretamente, na liberdade de fé. Com esse Norte, a “Era Digital”, pode ser entendida como *locus* e a possibilidade de diálogo entre teologia e cultura.

No terceiro capítulo, investiga-se sobre o que se pode conceber como experiência mistagógica da revelação de Deus nas plataformas do mundo digital. Consta-se que os novos paradigmas que marcam o mundo e a sociedade atual, inclusive o universo religioso-ecclesiológico são, nitidamente, influenciados pelas redes sociais. Para o mundo da evangelização, surge novos horizontes e novos desafios. São novas fronteiras de anúncio, porque, na verdade, caminha-se sob o signo do pensamento científico moderno de um mundo cada vez mais tecnologizado.

A significância dessa pesquisa consiste em acentuar, para a prática pastoral de uma Igreja, aberta a fraternidade universal, em um movimentar-se para a amizade social. Nesse sentido, identificamos a “Era Digital” como um contexto a ser amplamente considerado e iluminado pela teologia cristã, em vista de converter-se em um *locus*, no qual seja possível ao cristão uma autêntica experiência do Evangelho revelado. Um instrumento a serviço da boa comunicação, que integra, gera comunidade de comunhão e fé, a serviço da vida em plenitude.

Eminentemente, a humanidade atravessa pela experiência intercultural da absolutização digital do ser e do existir no mundo-vida, então, surge a questão cerne desta pesquisa, seguida de outra: é possível a antropto-teológica *práxis* eclesial de escutar e de falar do Deus revelado no hodierno e complexo *locus* da fé que é a internet? O ambiente virtual favorece a cultura do encontro consigo mesmo e da experiência mística de Deus?

Essas perguntas, que norteiam toda a reflexão, exigem um enquadramento teórico, assim como, um caminho metodológico. O trabalho não pretende apresentar respostas conclusivas para as movimentáveis e complexas questões, mas quer provocar outros pertinentes argumentos que possam contribuir com o aprofundamento da temática em questão. Nossa pesquisa, reúne elementos que estruturam uma propedêutica reflexão a respeito da cultura digital em diálogo com a grandeza da fé cristã. Nesse atual horizonte, a “Era Digita” é identificada como lugar, no qual é possível a pastoralidade de uma *práxis* evangelizadora da Igreja do Concílio Ecumênico Vaticano II. A eminente pesquisa, funda-se nas Sagradas Escrituras, no Magistério da Igreja e na Tradição Apostólica.

I - O REVELAR-SE DE DEUS COMO ADVENTO NO ÊXODO HUMANO

É mister acentuar que são utilizadas as categorias “Advento, Êxodo, Silêncio, Palavra e Encontro” presentes na obra teológica de Bruno Forte para apresentar uma hermenêutica específica sobre o tema da revelação cristã. A abordagem teológica de Bruno Forte tem como fundamento o mistério trinitário de Deus. Seu desdobramento, enquanto *práxis* de comunhão, tem como horizonte de referência a revelação de Deus no lugar teológico da História. A reflexão centra-se na senciência do acontecer da encarnação da Verdade em um *locus* específico da realidade humana, o que faz com que, para os autos, a ambiência teológica possa ser a História. A encarnação constitui o cerne da fé cristã em suas mais variadas dimensões. A autorrevelação do Eterno na realidade rompe com as dicotômicas concepções clássicas e dualistas da filosofia greco-helenista. Assim, alcança o ser humano hodierno que vivencia as múltiplas fragilidades e deficiências de uma época em constante mudança, ou de uma mudança de época. Bruno Forte argumenta que:

Nos umbrais do terceiro milênio, reemerge com vigor a pergunta sobre o homem: ela volta a se impor a partir da infinita história do sofrimento e do desejo indelével de cada um e das massas de dar sentido e valor à vida e à história comum. Se alguém pensasse que, com o acaso das ideologias, se exauriu a carga de esperança utópica e de expectativa revolucionária a que elas tinham pretensão de dar corpo e voz, enganar-se-ia perigosamente. Superada as respostas presunçosas e totais, o problema que é o ‘homem’ em toda a dramática urgência (Forte, 2003, p. 97).

A construção teológica da revelação é pautada pela relação *Advento e Êxodo*, humano-divino, divino-humano, logo, pode-se conceber como uma reflexão antro-po-teológica. A revelação ao dar-se na história traz consigo o sentido e a razão existencial do ser humano. Neste sentido, Bruno Forte ocupa-se com o ser humano em seu *locus* (“casa comum”), com seus desafios, inquietações e questionamentos. Para ele, o evento da revelação é sempre atual, por isso, é pertinente considerar a atualidade do mundo e do ser humano como consciência construtiva deste tempo. Nesse horizonte, a reflexão teológica desenvolve-se como relação dialógica com a dimensão antropológica da história. O advento do Eterno é caracterizado pela liturgia da relação com o ser humano exodal no mundo e suas linguagens. A decidida e livre iniciativa de Deus pelo ser humano é a alma da livre busca do ser humano por Deus. Há um movimento de procura por Deus em cada uma das buscas do ser humano.

A teologia sistemática da revelação rompe com a dicotomia, dissemina o antagonismo conceitual existente entre credo e realidade humana e media o processo de união entre fé e vida. Nesse sentido, o advento eterno e o peregrinar humano apresentam-se como vias teológicas de

uma experiência encarnada, inculturada, aberta ao diálogo profético e fundada na *práxis* libertadora da Pessoa de Jesus de Nazaré, que no evento da encarnação fez-se humano com a humanidade. Constata-se a preocupação em evidenciar e comunicar a verdade da revelação do mistério trinitário de Deus, cuja mística é vivenciada no horizonte da fé em Jesus Cristo, Encarnado, Morto e Ressuscitado. Assim, a história é por natureza o lugar da criação, da revelação e, ao mesmo tempo, o espaço de acesso ao conhecimento da Verdade do Outro revelado e dos outros próximos. Portanto, o Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Dei verbum* vai afirmar:

Aprouve a Deus na sua bondade e sabedoria revelar-se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade (cfr. Ef. 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes da natureza divina (cfr. Ef. 2,18; 2 Ped. 1,4). Em virtude desta revelação, Deus invisível (cfr. Col. 1,15; 1 Tim. 1,17), na riqueza do seu amor fala aos homens como amigos (cfr. Ex.33,11; Jo. 15,14, 15) e convive com eles (Cfr. Bar. 3,38), para os convidar e admitir à comunhão com ele (*DV*, n. 2).

Na perspectiva teológica, pode-se dizer, que o ser humano é compreendido como um ser, fenomenologicamente, em peregrinação, isto é, exodal. Sua existência radica-se no mistério de Deus. Em uma ambiência histórica comum atravessa pelo movimento das dores e dos questionamentos próprios da natureza que lhe é inerente. Enquanto pessoa envolvida pelo advento divino, é sujeito de seu próprio êxodo e ao peregrinar, faz a experiência do encontro entre história e coração. O itinerário é marcado pela mística do deserto, da vivência angustiante e plena das possibilidades do vazio e do trágico fim. O êxodo é travessia humana e, ao mesmo tempo, *locus* do irrompimento da novidade do advento do Eterno. Nele, torna-se possível o alvorecer da nova esperança e ganha força a dinâmica epifania do sentido da nova criação. Deus vem e entra salvando na “casa comum”, na vida existencial de todo universo, nos processos historicamente iniciados pelo ser humano, sua imagem e semelhança. Assim, no útero da humanidade dá-se o advento do renovar-se da vida de todas as coisas.

Ao revelar-se no âmago das narrativas históricas da humanidade, O Deus das Sagradas Escrituras autocomunica-se como o Salvador vivo-vivificante, o libertador humanado-humanizante, comprometido com o ser humano e suas lutas. Nessa perspectiva, salvaguarda a profissão de fé hebraico-cristã, que concebe e acolhe o revelar-se de Deus como advento, isto é, o absoluto é crido como o eterno encarnado no tempo para o ser humano. Habitando a história, Ele amplia os horizontes exodal da existência no mundo-vida. O advento da revelação trinitária de Deus pode ser compreendido como o cumprimento da promessa, um dar tempo para habitar e dialogar com a comunidade humana. “Já estou chegando e batendo à porta. Quem

ouvir minha voz e abrir a porta, eu entro em sua casa e janto com ele, e ele comigo” (Ap 3, 20). Na mística exodal da escuta, tem-se a percepção da proximidade do advento, sente-se o mover salvífico, que desperta a querigmática abertura para a contemplação do belo.

No complexo hodierno da história, a cultura da escuta é lugar processual, do crescente acontecer do milagre do advim divino: Deus, Uno e Trino é o dado supra da revelação, o logos, hermeneuticamente, comunicado por meio da linguagem do grande silêncio e da fala. A palavra revelada faz eco no movimento do sentido existencial da vida na história. O advento constitui no histórico êxodo humano o tempo do encontro, do silêncio e da palavra, é pontífice do sentido ontológico e antropológico da relação com o *Théos*, que se coloca em direção ao humano. O advento ainda pode ser pensado no horizonte da esperançosa peregrinação do ser humano em direção a Deus, como processo atemporal no tempo de busca pelo sentido da existência; o advento, por sua vez, configura-se como o infinito-eterno voltado para o humano e sua história. Sobre a relação advento de Deus e o êxodo humano, Forte argumenta:

Os dois polos, êxodo e advento, não se anulam reciprocamente como acontece na antropologia do triunfo da identidade ou naquela do domínio do nada, mas se possuem reciprocamente, mesmo na infinita distância e diferença, conforme um movimento de negação, de afirmação e de superação do tempo na eternidade (Forte, 2003, p.29-30).

O advento da Trindade é transcendência, mas, também, é revelação de um avizinhamento, uma liberdade de autodispor-se na linguagem do silêncio, da palavra e da ação para a cultura do encontro com a criatura. O advento-revelação é dom da autocomunicação divina, de dar-se, originalmente, a conhecer na via da experiência como proposta de rompimento com a hierarquização e dualização da relação humano-divino, dos valores, para valorar e protagonizar a comunidade, a unidade na diversidade dos seres, das dimensões e dos seus sentidos. Assim, na Palavra e no Silêncio, “revela-se a ‘Pátria’ da identidade, pelo menos entrevista embora ainda não possuída” (Bloch, 1959 p.162).

Êxodo e advento na perspectiva da Revelação estão unidos e implicam na transparência da pedagogia divina. Assim, a existência faz-se compreender tanto teológica como filosoficamente num processo (caminho) exodal de autotranscedência. Forte, reconhece a complexidade da questão e propõe em sua abordagem desenvolver uma competência intelectual-teológica dessa aspiração sensitiva e de caráter metafísico. A existência no mundo-vida é caracterizada pela experiência do advento que dá origem ao sentido do caminho exodal de sofrimento, libertação e salvação da comunidade humana. Nesse sentido, a morte não é a última palavra sobre o sofrimento humano. O sofrer pode ser compreendido a partir da mística-teológica do ‘sofrimento do próprio Deus’. Trata-se da necessidade exodal-antropológica de transcender as questões físicas do sofrimento para alcançar por meio da fé consciente a

contemplação do mistério que transborda o intelecto da pessoa. Isto é, os conceitos, por mais lógicos que sejam, não dão conta de explicar as vicissitudes desse Mistério revelado na gratuidade, que se autocomunica como dom, sentido de significação, princípio e fim de toda a criação, a “morte da própria morte”. Forte explica que:

É no abandono de Jesus na cruz, que sempre constitui uma pedra de escândalo na interpretação da Sexta-Feira Santa e está no centro da ‘teologia do sofrimento de Deus’, que se procura, em um mais profundo conhecimento do crucificado, o sentido último da paixão do mundo (Forte, 1996, p. 121).

É essencial dizer que a experiência de se abrir ao Mistério revelado de Deus é condição de fundamento para uma existência de vida exodal na história, sem negar o movimento da própria natureza do advento. Forte é bem incisivo e pertinente ao argumentar sobre os inegáveis erros e injustiças cometidas ao longo dos séculos em nome de Deus. Sua teologia procura evidenciar que “o desejo não é o princípio fundante da realidade, nem o êxodo é a causa do advento” (FORTE, 1999, p.22). No horizonte cristão da Revelação, o advento, enquanto realidade imbuída do mistério, é essência na qual está enraizado e iluminado o peregrinar humano. O advento principia o encontro do humano exodal com a automanifestação de Deus. A entrada definitiva de Deus na casa da humanidade. Assim, o conteúdo da Revelação, dado na história como resposta eterna do divino-absoluto é mistério que se permite na gratuidade ser conhecido, acolhido e amado. É o princípio e o fim da peregrinação humana. De acordo com Forte:

A aliança – categoria central da fé hebraico -cristã- apresenta-se, então, como o mistério da eternidade no tempo, do advento que se cumpre no êxodo, e do êxodo que se abre às insondáveis possibilidades oferecidas ao protagonista humano da história por parte daquele que é o Senhor da história (Forte, 1999, p. 37).

“Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos pais pelos profetas: agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por meio de seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez o século” (Hb 1,1-2). A perícopes da Carta aos Hebreus sintetiza, enfaticamente, a significatividade e o sentido da revelação. “A Revelação é Deus comunicando e manifestando gradualmente a sua própria vida divina na história das criaturas. Estas etapas vão culminar na pessoa de Jesus” (DV, n. 38). Em Cristo, o Verbo encarnado, dar-se a Infinitude da Revelação de Deus. Assim, a teologia fortiniana da revelação entende que “entre o primeiro silêncio e o último Silêncio se situa o evento da Palavra, coeterna na eternidade, ainda que gerada e determinada temporalmente na história do Seu advento entre os homens” (Forte, 1996, p. 22). O eterno movimento entre advento e êxodo é mediado pela força do Eterno Silêncio. É no mistagógico Silêncio do advento, no itinerário do êxodo, que se concretiza o evento-

habitacional da eterna Palavra de Deus na história em diálogo com as culturas do ser humano e de toda a criação.

Todo arcabouço de ideias e apontamentos até aqui abordados levam a perguntar: o que de fato é o advento para o fazer teológico na perspectiva da Revelação? O advento de Deus entre os seres humanos e na “casa comum” constitui a chave rácio-sensitiva de leitura sobre o evento da revelação. Segundo Bruno Forte, o advento apresenta-se “como uma luminosidade obscura ou como a Obscuridade ultraluminosa” (Forte, 1991, p. 63). Assim, a hermenêutica fortiniana da revelação desenvolve-se a partir da lógica do *revelatio*, transcendendo ao paradigma da revelação como *offenbarung*. Essa compreensão   axiomática, que perpassa e consolida a abordagem teológica fundamental de Bruno Forte.

1.1 Silêncio e Palavra: *locus* e linguagem da autocomunicação Trinitária de Deus na história

O tema da Revelação Trinitária de Deus pode ser tratado a luz da terminologia grega *apocalipses*, que no latim se traduz como *revelatio*. Nesse ponto de vista, em termos de sentido hermenêutico, a Revelação é sensi-cognitivamente concebida como desvelamento e encobrimento. Esse dinamismo mediado pela linguagem de Silêncio e Palavra é, essencialmente, de beleza e caráter dialógico.

A abordagem sobre a Revelação é principiada, construída e desenvolvida, mistagologicamente, a partir do mistério de Deus. Faz parte do mistério e da Revelação a mistagógica pedagogia do dar-se a conhecer, da abertura e do escondimento. A dialética do revelar-se de Deus   pura autocomunicação de seu ser e, ao mesmo tempo, um novo velar-se, sem distanciar-se, da criação e do ser humano. O movimento de velamento e desvelamento   próprio da transcendente natureza do mistério libertador e salvífico de Deus. Bruno Forte explica que:

Embora se comunique nas palavras e nos acontecimentos da história da salvação, (o Deus do advento) está sempre além de qualquer domínio humano... Essa dialética de abertura e de ocultamento atinge seu ponto culminante na autocomunicação pessoal de Deus no Filho Encarnado: a Palavra que se diz nas palavras remete ao abissal Silêncio de onde procede (Forte, 2003, p. 49).

O “entender para crer, crer para entender de Agostinho”   axioma explicativo da factua  o do desvelamento e escondimento de Deus em diálogo consigo e com os processos antropoteol gicos e culturais. Bruno Forte propõe iniciar um processo hermenêutico-teológico de

diferenciação entre o termo *revelation* do termo *offenbarung*, expressão alemã radicada, originalmente, no pensamento de Hegel para explicar a concepção de Revelação e reutilizada por Martinho Lutero em suas elocubrações teológicas. Segundo Forte, a expressão acompanha em termos de significação e fundamentação a laboriosa *práxis* filosófica dos últimos séculos. Hegel concebe a religião cristã como *offenbarung*, sendo que, a filosofia, constitui o *locus* da hermenêutica dessa autêntica e virtuosa compreensão da “revelação”, cujo “limite, que a tudo dá sua ‘definição’, não pode ele mesmo ser definido por limite que esteja ainda mais afastado” (Rahner, 2019, p.83).

O princípio teológico que fundamenta a explicação hegeliana da revelação a partir do termo *offenbarung* é o da sublime relação entre o conteúdo e a forma da epifania de Deus na história humana. Nessa concepção o ser divino é e revela-se, totalmente, identificável em sua essência. De acordo com Rahner, “Deus é o totalmente outro com relação ao mundo” (Rahner, 2019, p.82). Para Hegel, a identificação absoluta de Deus é fisionomia peculiar do cristianismo, uma vez que este pode ser entendido como exegeta da revelação, religião por excelência do manifestar-se divino, da *offenbarung*.

No cristianismo há a mais elevada manifestação do ser de Deus, a fim de que seja conhecido como o é em sua natureza e reconhecido na compreensão do eterno-atual- revelado. Hegel compreende que na manifestação de Deus, encontra-se a sua determinação e conteúdo, isto é, não temos um dar-se algo, uma faceta do divino, mas é Ele mesmo determinado. O cristianismo em sua espessura sociorreligiosa-moral é concebido como a epifania do Outro, o pleno desvelar-se em silêncio e Palavra do Eterno na historicidade dos tempos. Para Rahner, “a autocomunicação de Deus é, portanto, como oferta, também a condição necessária da possibilidade de seu acolhimento” (Rahner, 2019, p.159).

A revelação pode ser compreendida no horizonte do *offenbarung* hegeliano, isto é, como epifania plena da Trindade. Deus em seu absoluto- inefável ser, por si mesmo, em essência, manifesta-se como abertura total nas condições e processos humanos. Esse estabelece em sentido comunicativo a cultura do encontro em termos de natureza e de diálogo entre humano e divino, entre o Criador e a criação. No horizonte da Revelação, o dar-se salvífico de Deus só pode ser conhecido e acolhido na perspectiva do dom sem reservas. Para Forte, “o Cristianismo na interpretação hegeliana, torna-se a total comunicação do absoluto na História, o puramente desvelar-se do Eterno no tempo” (Forte, 2003, p. 24), que salvaguarda a característica lógica do pensar Deus como Espírito. Assim, o Espírito que é Deus manifesto em seu indizível, torna-

se dizível em experiência para a criação cujo ser humano é parte. Nesse aspecto, a ação do manifestar-se de Deus é fundamental em vista da resposta do ser humano. Afirma o teólogo:

Se a religião cristã é a religião do manifestar-se de Deus, e Deus é aquele que se manifesta, Deus é Espírito por excelência, porque o Espírito é o manifestar-se, o tornar-se objetivo. Onde não há um manifestar-se, onde não se atinge o dia luminoso da presencialidade da consciência, não há Espírito, mas só o duro cepo da matéria. Aonde chega o Espírito, aí chega à manifestação: a *offenbarung* atinge a si mesma. (Forte, 1987, p. 6)

O arcabouço ideário filosófico hegeliano é uma das chaves para o pensar e fazer teologia da Revelação na perspectiva da história. Tudo se estabelece, essencialmente, na especulação científica pela teologia - sem desqualificar a ciência enquanto tal e as possibilidades de conhecimento tecidas por ela. Nessa lógica, recorre-se a obra teológica de Bruno Forte para intentar apresentar o sentido e a que se endereça a Revelação do Deus do Cristianismo. E, a expressão latina *revelatio*, qualifica em significância, sentido e atualização a apresentação dessa abordagem. O dialético possível entre o *revelatio* latino e o *apokálypsis* grego, viabiliza em termos de *práxis* uma aproximação entre Teologia e História, entre ser humano e “casa comum” em diálogo com o mundo da cultura. Portando, encontra-se diante dos paradigmas históricos-teológicos do período pós-guerra que buscam traduzir e “resolver” a questão de Deus a partir da contingência temporal-espacial, assegurando, categoricamente, a dimensão metafísica. Diante da abordagem filosófica hegeliana da Revelação, compreende-se que é de fundamental importância o resgate do sentido da Revelação na historicidade, cujo desdobramento desencadeia a libertação do ser humano e de toda a criação.

A compreensão do evento da Revelação é, essencialmente, lógica. Essa, conforme Forte, “transita, necessariamente, pela hermenêutica de alguns conceitos: Silêncio, Palavra, Êxodo, Advento e Encontro” (Forte, 1995, p.46). No que tange ao Silêncio e à Palavra, estão, intrinsecamente, implicados na concepção do ser de Deus, do lugar da revelação, e constituem uma linguagem específica de falar da entrada do divino no histórico-humano. “[...] o Verbo de Deus assumiu uma ‘natureza’ humana individual e assim se fez homem” (Rahner, 1969, p.65). Na medida em que se consegue aproximar-se de um entendimento desses termos, e como se relacionam na dialética da ciência teológica e da cultura da fé, alcança-se uma consciência explicativa em desenvolvimento do modo como se dá a implícita reflexão sobre o tema da autocomunicação trinitária de Deus no *locus* da historicidade.

No que tange ao Silêncio, pode-se conceber como *locus* da Palavra. A consciência da Palavra é originada no misterioso silêncio do Eterno. De acordo com Forte, “no Primeiro Testamento, o silêncio é entendido como o Pai, gerador da Palavra que é o Filho”. (Forte, 1995,

p. 39). Assim, o Silêncio habitado pela Palavra transborda em amor no mistério pascal da salvação. A Palavra gerada desde toda eternidade pelo Silêncio, ao encarnar-se no coração da humanidade, evidencia em si o mistério da autocomunicação do absoluto, que faz aliança com o povo chamado e com toda a criação. Segundo Forte, o Silêncio Eterno, princípio não principiado, fim não finito, é Deus que, no Segundo Testamento é identificado como o Pai de Jesus Cristo, enquanto Palavra” (Forte, 1985, p. 62). O Verbo é aquele que sendo e existindo desde sempre com o Pai, com Deus fez-se carne na história (cf. Jo, 1,14). “Deus sai de si. É ele mesmo, como plenitude, que se entrega” (Rahner, 1969, p.75).

Nessa interpretação, o Silêncio é vislumbrado como habitação vivaz da Palavra salvífica, que por obra do Espírito Santo, se fez carne no seio da mulher, virgem e mãe (cf. Jo 14, 26). (cf. Jo 14, 26). É ainda concebido como o êxtase divino, a memória substancial e atualizadora da missão do Verbo no *locus* da história. A Palavra, ao fazer-se carne, manifesta-se como comunicação para a humanidade na história. Essa, por sua vez, encontra-se salvaguardada entre o Silêncio da origem e o Silêncio do destino, isto é, a morada do Verbo está no seio do Pai e do Espírito Santo. Por isso, a vida humana em seu histórico êxodo é assumida pelo Verbo feito carne como lugar crucial da sua morada e *kénosis* salvífica.

Na revelação Deus se faz verificar no Silêncio e na Palavra. “Aquele que os homens chamam Deus, é cognoscível a partir do mundo físico, da criação, do universo e de tudo o que ele contém” (Tresmontant, 1972, p.7). O Silêncio constitui o habitat místico do advento, o lugar gestativo e de onde se difunde a comunicação da Palavra. No Silêncio Deus faz-se conhecer, seu mistério de amor e salvação é salvaguardado em vista do bem de toda a humanidade. Do Silêncio fecundo procede o ressoar da Palavra eterna, rompendo com o véu do tempo e dele cada ser humano em sua identidade e liberdade. O silêncio humano é precedido e formado pelo Silêncio divino. Este, por sua vez, é o princípio não principiado, a fonte e o leito do Verbo, a gênese de tudo o que existe na mais profunda liberdade e gratuidade.

O silêncio que envolve o ser humano é a imagem e semelhança do Outro, isto é, do grande Silêncio. No princípio de tudo estava o Silêncio e ele deu origem a humanidade exodal, acolhendo-a em suas inquietações existenciais. O Silêncio da origem criacional é horizonte para onde se volta o coração humano, enquanto o silêncio da criação é casa feita para a habitação do divino Ser, da Palavra. A Palavra é procedente do Silêncio, O Deus do Silêncio é conhecido e reconhecido pelo povo de Israel como o Deus da Aliança, o Abba de Jesus Cristo, no Segundo Testamento. De acordo com Bruno Forte, “o silêncio terreno é apenas a preparação, o acolhimento, o espaço aberto para o surpreendente, novo início” (Forte, 1995, p. 93). Essa é a

pedagogia mais rebuscada de Deus de autocomunicar-se com a humanidade peregrina. Jesus, Palavra e Filho de Deus manifesta ao ser humano quem é Deus e, ao mesmo tempo, atribui sentido e razão ao existir humano no tempo e para a eternidade. Ao ser salvo pela Palavra do grande Silêncio torna-se pelo Encontro, partícipes da filiação divina, isto é, filhos no Filho entregues ao Pai. Afirma Bruno Forte:

Tendo como pano de fundo este Silêncio divino, o Verbo que vem na carne se oferece como a luz nas trevas, a Revelação do amor eterno efetuada na entrega de si mesmo até o fim, o Filho que nos faz filhos abrindo-nos ao mistério do Pai, Silêncio da origem e da Pátria final. No tempo intermediário que está entre o primeiro e o último Silêncio, situa-se a vinda da Palavra, coeterna na eternidade, embora gerada e determinada temporalmente na história do ser humano. Precisamente, porém, por estar inscrita no Silêncio, a Palavra é mediação sua, remissão às profundezas silenciosa que constituem a providência e o advir de sua vinda, no tempo e na eternidade (Forte, 1995, p. 50-51).

No prólogo do quarto evangelho, a encarnação é apresentada em sua radicalidade e profundidade. O verbo fez-se carne e estabeleceu sua morada entre os humanos, convertendo a história em lugar de salvação. O evangelista João procura evidenciar e aprofundar a relação entre Verbo e carne. É o Concílio de Calcedônia que vai desenvolver essa temática ao trabalhar a questão das duas naturezas do Filho. Ele vai abordar a relação processual de descontinuidade e continuidade, sobretudo, quando se trata do aspecto da unidade e da concepção de Pessoa. Esse evento, possibilita perceber o dado da encarnação como economia de salvação.

A autocomunicação de Deus é abordada no quarto evangelho como uma luz divina em meio a escuridão, O verbo é concebido e manifestado como Pessoa, faz-se carne, assume totalmente a condição humana (cf. Gl 4,4). A relação mística e de comunhão recíproca do Silêncio e da Palavra revela o Ser e o modo de Deus agir na história. O movimento da revelação é responsável em fazer entrar, dialogicamente, no mundo dos humanos o mundo de Deus. Assim, o mistério da encarnação une o céu a terra, o humano ao divino e, sobretudo, faz ecoar o Verbo divino nas linguagens do tempo. É iluminado pela encarnação do Filho que o ser humano unido a toda a criação consegue chegar ao Pai. A revelação, em síntese, é a proclamação da Palavra no púlpito da história. A humanidade, mediada pela Palavra encarnada, transcende o histórico e chega à experiência do divino Silêncio, do qual o Verbo precede e com Ele (o Pai) e o Espírito Santo, é adorado pelos séculos infinitos. Nesse sentido, o que há diante dos olhos é o mistério da unidade na diversidade entre: Silêncio, Palavra e Encontro. Bruno Forte afirma que:

No plano dos conteúdos da mensagem revelada, contudo, se diz que o Filho procede do Pai e é enviado por Ele a este mundo, assim do ponto de vista da forma da revelação, se pode dizer que a Palavra procede eternamente do

Silêncio divino e dele sai para ser enviada aos homens em vista da salvação (Forte, 1991, p. 57-58).

1.2 A Revelação na abordagem pneumática do encontro: “Deus e homem, homem e Deus”

O Advento divino e o Êxodo humano não podem ser pensados fora da esfera pneumatológica do encontro. O êxodo pode ser compreendido como temporalidade aberta, o ser humano movido pelo testemunho da esperança cristã, peregrina na decisão da fé rumo ao futuro, da busca por uma pátria. A natureza exodal humana é caracterizada pela transcendente abertura que transborda as estruturas da identidade absoluta, é a saída que atravessa os desertos do nada em direção ao *locus* da promessa, do encontro com o Deus verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem. Segundo Forte, “o advento é o mundo da eternidade enquanto se volta ao homem e visita sua casa, é o livre autodestinar-se de Deus à criatura e o gratuito dom da autocomunicação divina” (Forte, 1994, p.29).

As categóricas dimensões de êxodo e advento são enquanto relação dialética de identidade e diferença. Assim, O pneumatológico encontro entre o advento do Eterno e o êxodo humano é assimétrico e está a serviço da causa da revelação do Eterno. Neste aspecto, o encontro é sempre principiado pelo movimento pneumatológico-dialético, onde divino e humano relacionam-se, mutualmente, e o infinito distante em sua natureza divina habita a sua criação. Conforme Boff, “o Espírito Santo constitui a força de amorização divina e humana, a transfiguração de tudo” (Boff, 2014, p. 47). Nesse sentido, o encontro mediador da relação êxodo humano e advento divino é substancialmente de alteridade. “O romper-se da fechada totalidade do eu abre espaço, em suma, para o advento da inevitável alteridade, para o Infinito no ato de seu oferecer-se e retirar-se no semblante dos outros” (Forte, 2006, p.144). Assim, o encontro entre “distintos” é de grande beleza no sentido de que o mistério de Deus em seu advento assume o ser humano peregrino elevando-lhe à participação divina.

No que tange a pneumatologia do encontro, pode ser, hermeneuticamente, compreendida em duas perspectivas. Na primeira, o encontro é pensado no horizonte da revelação do mistério trinitário de Deus. O encontro é, enquanto habitação (casa) do Silêncio e da Palavra, está no amago da Trindade, isto é, em comunhão de amor com o Pai e o Filho. O “Encontro” é o Espírito mesmo, cuja missão é, essencialmente, a de ser vínculo de união entre Silêncio e Palavra, Amado e Amante. Neste sentido, de acordo com o teólogo:

Poderíamos dizer que o Espírito é o outro Silêncio, não o Silêncio da origem da Palavra, mas aquele em que a Palavra proferida na eternidade e no tempo vem ressoar e repousar, para ir recolher-se no Silêncio da Pátria, nos silêncios

profundos e sublimes de Deus, depois de ter percorrido o caminho para o qual fora enviada (Forte, 1991, p. 155).

O Espírito ainda pode ser concebido como aquele que favorece a relação vivificadora entre: ser humano, Palavra e o grande Silêncio. De acordo com Congar, “o Sopro- Espírito de Deus é, na Bíblia Hebraica, a ação de Deus. É aquilo pelo qual Deus se manifesta agindo antes de tudo para conceder a animação, a vida, e isso no plano daquilo que chamamos de natureza” (Congar, 2005, p.30). Assim, teologicamente, sem o Encontro a própria revelação seria inexpressiva em sua vitalidade, isto é, incomunicável em seu verdadeiro sentido, uma vez que a Pessoa do Espírito é o principal ser e protagonista da autocomunicação desse evento na história. O Espírito é aquele que ao esclarecer a atitude, palavra e ação de Deus na história, forma a pessoa humana para compreender que Ele, mesmo (Deus) em seu mistério habitando o tempo não se limita a este, é transcendência divina de amor.

O Espírito ainda pode ser concebido como aquele que estabelece uma profunda ligação entre Silêncio e Palavra. Ele é o movedor do advento e do êxodo. É o amor em ação a favor do “Silêncio do Pai para com a Palavra e da Palavra no Silêncio do êxtase” (Forte, 2003, p. 90). Em uma linguagem, eminentemente, mística, Ele é a experiência que o amante faz do amado no amor. “O amor busca a união. O Espírito é esse amor e esta união entre Pai e Filho” (Boff, 2014, p. 308). Numa perspectiva pneumatológica, podemos dizer que o amor é o fundamento e, ao mesmo tempo, a chave de leitura de uma antropologia-teológica do evento pascal. Segundo Bruno Forte:

Se o Espírito é descoberto como o nexo de união entre o Amante e o Amado na distinção baseada na reciprocidade das relações, pode -se afirmar, analogicamente dele, que é o vínculo da Palavra e do Silêncio, a ligação de ambos em Pessoa. Este vínculo personificado, que exprime a comunhão na incancelável distinção das Pessoas, que pode ser apresentado mediante a categoria encontro (Forte, 1991, p. 155).

A segunda perspectiva de compreensão do encontro centra-se na abordagem narrativa da missão pneumatológica do Espírito, que consiste em manifestar, mediante a encarnação, morte e ressurreição do Filho (“Deus homem e homem Deus”), a razão primeira e última da existência humana no mundo-vida. Nesse sentido, o Espírito (Encontro) é percebido como aliança de alteridade em relação com o peregrinar humano e o advento eterno. O Pneuma (encontro) viabiliza e atualiza no tempo a experiência cristã da salvação, do movimento do “já” e “ainda não” da verdade do sentido escatológico e da Pátria, escondidos no sacramento (mistério) do grande Silêncio. Assim, podemos dizer que o encontro, enquanto *dynamis* do

Espírito protagoniza a intrínseca relação autoimplicativa entre advento e êxodo. Forte vai afirmar que:

O encontro é a celebração da aliança, autodestinação de Deus ao homem, a que corresponde mesmo em maneira assimétrica a ativa autodestinação humana ao Deus vivo. A experiência cristã da salvação, apresenta, então, dois aspectos inseparáveis: por um lado, ela é autêntica experiência humana da autocomunicação divina; por outro, é evento sacramental, fragmento de história em que o divino vem morar e comunicar-se aos homens (Forte, 1995, p.94).

A condição peregrinante do ser humano é caracterizada pela alteridade do abraço do Totalmente Outro. O ser humano ao indagar pelo sentido da sua existência no mundo-vida, busca encontrar a verdadeira pátria. A sua liberdade existencial de consciência é entendida como habitação do mistério da Palavra e do Silêncio Eterno. Segundo K. Rahner, a autotranscendência humana é, essencialmente, a disposição em acolher o Outro em sua Alteridade. Para Levinas, o Outro manifesta-se na história humana com a missão de elevá-la ao ápice do seu verdadeiro sentido. É na dinâmica do mistério escondido e ao mesmo tempo revelado do Filho (Verbo) e do Pai (Grande Silêncio) que se revela, gratuitamente, como dom no tempo a sublime Alteridade de Deus. Ao doar-se em sua epifania, marca o alvorecer de uma relação de comunhão entre humano e divino. Essa relação é causada pela mistagogia do “Encontro” transformador, isto é, pela missionariedade da Pessoa do Espírito que é Deus, com a Pessoa do Pai e do Filho agindo em comum união em favor da humanidade. O encontro é o Pneuma absoluto revelado no tempo como princípio e consumação da revelação nos tempos da história humana. De acordo com Schillebeeckx:

Começou um encontro. Alguns homens...entraram em contato com Jesus de Nazaré e permaneceram com ele... Este encontro, surpreendente e assombroso com o homem Jesus tornou-se o ponto de partida para a concepção de salvação no Novo Testamento. Isso significa, diretamente falando, que ‘graça’ é a expressa com os conceitos de encontro e experiência e nunca mais poderá ser isolada do acontecimento concreto e libertador do encontro (Schillebeeckx, 1980, p. 9).

Na revelação, consolida-se a beleza do matrimônio entre Deus e a humanidade. A história humana é fecundada pelos frutos da revelação cristã. Na dialética do “desvelar velando”, o encontro é a epifania do presente da salvação e do “ainda não” da plenitude do Reino de Deus entre nós. O encontro abre as possibilidades de uma antropologia-teológica compreendida como Eternidade no tempo, de raiz fidedigna à tradição hebraico-cristã, que supera as deficiências cognitivas e sensitivas da modernidade. Para Forte:

Entre o triunfo da identidade, próprio das visões ideológicas, e a apologia da diferença, resolvida no domínio onicompreensivo do nada, a causa da pessoa exige que se procure uma via diferente, capaz de escapar tanto à sedução do pensamento solar como fascinação da vitória das trevas. É a tradição judeu-cristã que oferece a possibilidade dessa compreensão do homem, fruto do encontro entre identidade e diferença: o Absoluto entra na história e a redime... a Glória se anuncia aos dias dos homens, abrindo-os ao dom da vida eterna, a aliança une Deus ao homem e o homem a Deus. É a antropologia da Eternidade no tempo (Forte, 2003 p. 105).

A abordagem pneumática do encontro na perspectiva atropo-teológica atual da ciência, entende a Eternidade e o tempo em seu relacional. Eternidade e tempo encontram-se no movimento natural simbólico de aberturas e fechamentos, de êxodo e advento, cuja liberdade acena para o gratuito advim de Deus. Nesse processo dialógico entre as ciências antropológicas e teológicas e a própria cultura interculturalizada encontra-se a questão do significado do inaudito e da transformadora entrada do Eterno no tempo, como plena revelação do absoluto. Assim, pode-se afirmar que a Cristologia é a possibilitadora da concretização definitiva do encontro. Nela, o ser humano encontra-se em termos de consciência com a sua identidade e diferença, e nesse itinerário descobre-se a dinâmica do revelar-se a si mesmo em relação com o Outro. A Cristologia apresenta a pessoa de Jesus Cristo, o Filho eterno encarnado na história que permanece no Pai, e por meio do Espírito oferece ao tempo acesso à eternidade.

Na realidade, o mistério do homem só se torna claro verdadeiramente, no Mistério do Verbo encarnado. 'Imagem do Deus invisível' (Cl 1,15), Ele é o homem perfeito que restitui aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado. Como a natureza humana foi n'Ele assumida, não aniquilada, por isso mesmo também foi em nós elevada a uma dignidade sublime (GS, n. 22).

Segundo Libanio (2015, p. 244), a revelação no horizonte histórico permite ao ser humano um encontro de graça com Deus em Jesus Cristo, que é essencialmente de caráter provocativo. Seu leito de fluência e de desenvolvimento hermenêutico-teológico, enquanto automanifestação do divino, é a criação em suas condições históricas. Fora da história não é possível a percepção da revelação, pois o dado da manifestação de Deus é realizado numa experiência concreta. Neste sentido, não pode ser pensada apenas como uma elaboração teológica, uma inventiva mitológica, nem tão pouco pode ser reduzida as capacidades e as habilidades desenvolvidas pela faculdade intelectual interior da pessoa humana. O evento da revelação, embora se dê no âmbito histórico, transcende as concepções de capacidade humana e dos resultados da ação divina, alcança o seu sentido pleno na experiência mística da liberdade do encontro. De acordo com Queiruga:

A revelação é tudo: desde o rito, no qual se presencializa a ação primordial divina, até o mito, no qual a experiência do sagrado se converte em expressão fabuladora; desde a oração, onde o divino se faz presença dialogante, até a ação moral, onde é simples presença que manda, ampara ou julga; desde o templo e os lugares onde a presença se configura, até as mil modalidades de hierofanias, nas quais aparece a infinita riqueza de seu rosto, ou inclusive até o tabu, onde se manifesta o aspecto negativo de seu poder (Queiruga *apud*, Libanio, 2015, p.270).

O encontro é abertura, dinamismo, aliança eterna que em seu advento dignifica e eleva o peregrinar humano à verdade da salvação. Essa dignidade consiste na acolhida concreta do advento eterno. O evento da revelação é, univocamente, de encontro, cuja característica é de união entre divino e humano. O verbo de Deus encarnado é mediador da elevação do humano à condição divina. Por isso, a missão do Espírito Santo consiste em viabilizar o encontro da alteridade humana com a sublime alteridade divina. O encontro é a ação que liberta o ser humano da crise de sentido, empurrando-o para a redescoberta da escatologia, é dispensador do dom da esperança entre o “já e ainda não” do Reino. Para Libânio (2015, p.244), “tal encontro com Deus em Jesus Cristo dá-se pela ação do Espírito Santo na comunidade humana e eclesial”.

No *corpus* teológico da abordagem Trinitária de Deus, as três divinas e distintas Pessoas revelam-se em uma unidade de amor. Jesus de Nazaré, o Cristo da fé, Crucificado- Ressuscitado é o horizonte no qual o Outro se automanifesta como Palavra e Silêncio à humanidade. Assim, a experiência do encontro com a Palavra é de pascal renovação e libertação do coração e da vida. É na mística-experiência da vida do Espírito que a humanidade alcança sua transformação. O Pneuma (Espírito) é o exegeta por excelência da distinção e explicação das Pessoas divinas. Logo, o Espírito é o amor que une e, com mesmo intento, distingue Pai e Filho, possibilitando o ser em si mesmo de cada um. Ele é a união que gera entre as distintas Pessoas da Trindade a comunhão. Assim, o encontro é o lugar da doação e acolhida do Outro, mediador da comunhão entre três Diferentes: “a diferença acolhida mutuamente é a mediação para a unidade plural dos divinos Três” (Boff, 2014, p. 234).

No Amor comunhão, a unidade transcende a distinção, revela a alegria que supera a dor provocada pelo desamor das criaturas. O dom do Espírito evidencia e salvaguarda a essência da alteridade possível entre Paternidade e Filiação divina. O ser humano por sua vez, alcançado pelos divinos Três, se reconhece filho na alteridade do mistério. Na eventual revelação cristã, o Espírito é concebido como verdadeiro dom da doação e da acolhida de quem o recebe. Na teologia da revelação o mistério da Trindade divina é sabiamente identificado como dom, em tudo se percebe a presença livre e fecunda do Espírito do Senhor. O Filho é habitado pelo

Pneuma e, ao mesmo tempo, é doador deste como vitalidade e santificador da existência humana. Com isso, pode-se afirmar que “aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é que batiza no Espírito Santo” (Jo 1,33).

É essencial explicar que a hermenêutica da revelação pensa e atesta o Espírito como fonte de onde auge a caridade divina, a economia da salvação em favor da humanidade. Conforme Boff, “o Espírito gera aquilo que a fé chama de Filho ou Verbo” (Boff, 2014, p.128). Através do Pneuma de Deus é possível ao ser humano a contemplação da perfeita *koinonia* trinitária.

Ser dom é vocação batismal de todo cristão, que inspirado pelo seguimento e fé no Cristo é capaz de dar e receber, de ser sinal da presença do Espírito *ad intra* e *ad extra* na comunidade eclesial. Assim, a humanidade é partícipe da comunhão trinitária. A história (êxodo humano) conduzida pelo Espírito abre-se inteiramente ao Advento Eterno (cf. Rm 8). Desse modo, o ser humano formado pela Palavra e conduzido pelo Espírito, na condição de filho adotivo, adquire consciência de fé da realidade de Deus em sua dimensão paterna, chamando-o de Pai (Rm 8,15. 26s; Gl 4,6). Neste horizonte é dada à humanidade a graça de experimentar a mística de ser habitado pelo mistério da Palavra e do Eterno Silêncio, de viver a vida do Espírito, na contemplação do amor trinitário (cf. Gl 5,13-25).

O Espírito é Deus, o amor presente e atuante na história. É o dom total que infunde a vida nova do Filho em seus discípulos. Ele é, na perspectiva teológica do encontro, o protagonista da missão. Segundo Bruno Forte, “a revelação no Espírito é, portanto, encontro da Palavra e do Silêncio, uma silenciosa simplicidade contemplativa da vida” (Forte, 2003, p.93). Conclui-se, portanto, que o Espírito é o exegeta e comunicador por excelência da comunhão trinitária. É Ele que levará adiante a comunidade dos discípulos, fazendo-os entender tudo que o Filho do Pai revelou em seu mistério pascal de amor. No encontro que é o Espírito, mesmo em sua essência e missão, dar-se a conhecer o amor fidedigno do Pai para com o Filho, e, para com toda a humanidade. É graças ao dinamismo do Espírito que a humanidade caminha, deixa-se alcançar e é alcançada pela beleza do mistério da Trindade. Para Bruno Forte:

Quem encontra Deus no Espírito que se comunica nos acontecimentos da Revelação, participa da unidade trinitária, que não aniquila a riqueza das pessoas e não anula o diferente, e se emerge no movimento do êxodo próprio do amor, que é o êxtase de Deus (...) Na força do Espírito, a Revelação encerrada no tempo da plenitude do verbo se faz presente a todo tempo, sempre antiga e sempre nova, para que a transcendência e a abertura, próprias do divino sejam a comunicação por excelência e levem a uma sempre maior compreensão do já dado, a um perscrutar o oculto no revelado (Forte, 2003, p. 93).

1.3. “Êxodo e Advento”: Uma hermenêutica da Revelação cristã

É importante ressaltar que as perguntas são como um motor a mover a causa do peregrinar existencial do ser humano no tempo e para além deste. Na condição de imagem e semelhança de Deus (*in Magnum Dei*), inserido em um momento específico da história é identificado como uma pessoa em constante busca, como “filho no Filho”, sujeito exodal num processo de integração. A expressão êxodo remete a dimensão existencial do ser humano. Este é por natureza um vivente em saída, peregrino. Portanto, a temporalidade na qual peregrina a pessoa humana é a plataforma que se abre ao novo horizonte da fé. Quanto ao exodal humano, insere-se na compreensão hermenêutica do irrompimento com a identidade absoluta, transbordando o vazio humano rumo à pátria da promessa.

O ser humano ao tomar consciência da sua condição de liberdade descobre-se no horizonte antro-po-teológico da revelação responsável por si e pelo outro. Assume, humanamente, o Outro e os outros, abrindo-se à *koinonia*, que transforma a experiência humana em história de liberdade e de salvação. O que é a revelação se não a visível manifestação da salvação, ontem, hoje e sempre? Para Forte, “a condição humana é a condição de êxodo em busca do encontro com o Transcendente, que é inerente à condição de criatura” (Forte, 2003, p. 24).

A vitalidade existencial do ser humano no mundo é, antropologicamente, marcada pela nostalgia do eterno. Eminentemente, existir no mundo-vida é sinônimo de busca de sentido e razões para vencer a condição do último limite: a morte. O viver e morrer constitui as dimensões antropológicas na história do peregrinar humano. Um movimento característico de transbordamento, que conduz a vida para o seu último horizonte, o Advento eterno, que é Deus em seu revelado mistério. A laboriosa procura pelo sentido da vida e da morte coloca o ser humano diante da eterna novidade que é, permanentemente, surpreendente em si mesma. É no eterno novo que se manifesta o Totalmente Outro, Uno e Trino, isto é, Deus. Na atual hermenêutica da revelação cristã, o horizonte do sentido apresenta-se como desdobramento místico da experiência do mistério do advento de Deus, em relação comunicativa com o mistério exodal da vida humana.

Nessa interpretação do advento-êxodo, embora a revelação cristã se dê na história, ela não se esgota nela. O manifestar do absoluto em relação com o ser humano e seus processos é de saída e de abertura para a cultura do encontro com o que advir. Com isso, o Novo continua Páscoa, extravasando as concepções convencionais de tempo e de espaço e fazendo entender

no horizonte luminoso da vida e da esperança renovada na salvação. No horizonte das Sagradas Escrituras, o ser humano é reconhecido e entendido na sua condição de liberdade, como sujeito capaz de encontrar Deus, aberto à sua aliança. Nessa perspectiva o êxodo é compreendido como via de liberdade. Diante da manifestação plena de Deus, o ser humano no tempo, aberto à eternidade, decide livremente pela fé como resposta a esse Deus. De acordo com Eliade:

O horizonte dos arquétipos e da repetição foi pela primeira vez superado pelo judeu-cristianismo, que introduziu na experiência religiosa uma nova categoria: a fé (...) A fé significa a emancipação absoluta de toda espécie de 'lei' natural e, portanto, a mais alta liberdade que o homem possa imaginar: a de poder intervir sobre o mesmo estado ontológico do universo (...) somente tal liberdade é capaz de proteger o homem moderno do terror da história: liberdade que tem a sua fonte, encontra sua garantia e o seu apoio em Deus. Toda outra liberdade moderna, por quantas satisfações possa dar a quem a possui, não justifica a história, e isso, para cada homem (Eliade, 1989, p. 162).

O advento de Deus é principiador, movedor determinante da peregrinação da comunidade humana. A revelação Divina, por si mesma é iluminadora do êxodo humano. Por sua vez, esse pode ser concebido e entendido como dom recebido da iniciativa de Deus e como resposta consciente, autônoma e perfectível do ser humano. O ser humano ao abrir-se encontra-se com a mistagogia do sentido e da liberdade de ser e existir na história. Já a história, por sua vez, é constituída por angústias, sofrimentos, morte e pela própria experiência de vazio. Ao acolher a dimensão do advento Eterno, o homem é abraçado pelo mistério de Deus, seguindo o princípio e o fim da liberdade em seu peregrinar.

O ser humano é *capax Dei*, que traz em sua essência as faculdades sapienciais que o torna desejoso e peregrino na busca pelo divino. A sua autonomia é caracterizada pela superação do movimento do próprio êxodo, em vista da sua transcendentalidade, abertura mística para encontrar o real significado e sentido de ser, existencialmente, livre. Nesse horizonte, o advento é concebido como “o mundo da eternidade enquanto se volta ao ser humano e o visita. É o livre autodestinar-se de Deus à criatura e o gratuito dom da autocomunicação divina” (Forte, 1993 p. 29).

Ao revelar-se na história, Deus se apresenta como comunidade trinitária (Pai, Filho e Espírito Santo). O seu inserir-se na “casa comum” dos viventes universais inaugura um novo tempo, uma nova perspectiva de ser e existir no mundo-vida, agora, a história é lida a partir da experiência e do entendimento da salvação. Deus, ao entrar no *locus* da criação, ao manifestar-se comunicável ao ser humano, mantém-se transcendente em sua majestade divina. Para Rahner:

(...) a transcendência do ser em geral, é a necessariamente tematizada e constitui essencialmente o homem enquanto espírito. Isso significa que o homem é espiritual, isto é, vive sua vida em uma contínua tensão para o Absoluto, em uma abertura para Deus (Rahner, 1967, p. 98).

O evento da revelação é, essencialmente, autocomunicativo, com uma dimensão divina e humana dialogando a todo tempo. É Deus presente na história humana e a humana história sendo plenificada no sentido e na liberdade divina. Esse movimento expressa o modo de Deus agir em favor da humanidade, e dela responder com a linguagem da fé à Trindade. Assim, a revelação apresenta o encontro de dois mundos, duas realidades distintas gerando comunhão: Deus que é e que permanece sendo Deus e o mundo que continua sendo mundo. Isso quer dizer que a epifania do absoluto na história não o aniquila, mas realça sua beleza de ser, enquanto obra criada, lugar da vida e do encontro pneumático entre Deus-Salvador e o ser humano exodal, vocacionado a vida divina. É em virtude da fé, animado pela esperança que o ser humano caminha na direção do advento do amor. A teologia do advento evidencia a iniciativa de Deus de encontrar-se com a humanidade, é também horizonte último de seu peregrinar. De acordo com Forte:

O Deus de todo testemunho bíblico é um Deus em êxodo de si mesmo, um Deus que entrou no tempo para o ser humano, e vindo à história, estabeleceu uma aliança com ele, abrindo o caminho de seu povo rumo ao Reino prometido sempre maior do que qualquer realização já consumida (Forte, 2003, p. 49).

O horizonte hermenêutico da revelação advento e êxodo, transcendência, imanência e transparência encontra-se dialeticamente. Nessa perspectiva, o dado fundamental para o vir a ser do êxodo é a abertura livre do ser humano para acolher a inaudita novidade do mistério. Na abordagem teológica é impossível compreender o êxodo humano desassociado do advento Eterno. Os conceitos de advento e êxodo estão intrínsecos no arcabouço explicativo do evento da autocomunicação de Deus, como dom gratuito de salvação. O Eterno, ao doar-se em seu advento, vivifica a esperança na dimensão exodal da natureza humana. Uma vez despertado para a iluminação da fé, cuja Trindade é a principal fonte, o ser humano permite-se por meio da experiência ser alcançado no seu âmago pelo amor.

A experiência do amor efetiva-se na dinâmica humana da angústia, da ausência e das interrogações próprias da condição de existente no mundo. Se por um lado o ser humano é afrontado pela inquietante procura que o faz perder-se, por outro lado, é totalmente aberto ao Outro autocomunicado que o faz se encontrar. Na revelação, Deus dá-se a conhecer na pessoa do Filho, como Pai e amigo da pessoa humana. O evento é caracterizado como pedagogia da

disponibilidade divina em favor do êxodo humano. Quanto ao mover-se, o êxodo expressa um caráter de saída, de libertação do ser humano, consequentemente, uma experiência concreta do Mistério “onde a existência como êxodo se disponha à escuta de um possível advento do outro no horizonte do tempo” (Forte, 1996, p. 15).

O êxodo ainda pode ser concebido como um movimento de caráter imanente, direcionado ao encontro com a Palavra e com o Silêncio da Revelação. O encontro, enquanto ação pneumatológica é condutor da humanidade exodal para a mistagogia da relação com a dimensão escatológica da fé e, sobretudo, para a busca de uma Pátria. A fé cristã é encarnada, comprometida com a realidade da comunidade humana. Enquanto dom de Deus, é, eminentemente, vivaz de sentido da vida e da história da criação. Crer, ao modo cristão, significa compreender que Deus age na história, dando-lhe sentido, pela Palavra no Silêncio e no Encontro.

Na revelação cristã, Deus dá-se a conhecer em sua essência trinitária. A Trindade é para a comunidade humana fonte de vida, princípio e fim de uma história de salvação. É caminho da realização humana cristã. De acordo com Forte, “à história divina do amor pode ser proposta à humana labuta do viver, como luz capaz de aclarar o caminho, de sustentar a marcha, de comunicar a esperança” (Forte, 1987, p. 6). Com isso, pode-se dizer que fora da realidade Una e Trina de Deus, não é possível pensar em uma história da salvação. Para Bruno Forte, a história constitui o *locus* material e imaterial da revelação trinitária de Deus. A história é também o lugar humano do encontro com o revelado, da concretização da fé em Jesus Cristo. A confissão cristã da fé na Trindade só é possível por causa da Pessoa do Filho humanado que se revela como comunidade divina de amor. O ser cristão implica em uma senciência perceptiva da realidade solitária, trina e comunitária do mistério de Deus. Assim, o ser humano envolto da hodierna interculturalidade, só encontrará a razão da sua existência no mundo-vida se for capaz de atualizar-se no movimento dos valores essenciais e abrir-se à mística trinitária.

Segundo Martinez-Díez, “falar de um Deus em três pessoa torna-se tarefa difícil” (Martinez, 1997, p.132). Partindo dessa premissa teológica, o advento e o êxodo expressam um modo histórico-hermenêutico menos infiel de abordagem da revelação do mistério divino. Tudo que se pode pensar e falar a respeito do mistério trinitário encontra-se como conteúdo e forma na história revelada, mais, precisamente, no Segundo Testamento. É por meio do relacionamento íntimo entre Advento divino e êxodo humano que Deus narrou na história humana a história da salvação. Nesse horizonte, o Deus transcendente, imanente e transparente manifesta-se trinitariamente, como de fato é a humanidade. Em que não existe diferença entre

o ser divino e o Deus que se manifesta, o Pai pelo Filho no Espírito Santo. Para Boff, “a concepção trinitária de Deus nos propicia uma experiência global do mistério divino. Cada ser humano move-se dentro de uma tríplice dimensão: da transcendência, da imanência e da transparência” (Boff, 2014, p.46),

Deus, ao revelar-se em sua unidade trina, inaugura para nós um novo tempo, o evento pascal no qual é possível a mística do amor e a total acolhida do dom da salvação oferecido pelas Pessoas divinas. De acordo com Rahner, em “Jesus Cristo a unidade do amor de Deus e do amor do próximo, a realidade de Deus e de seu amor no homem e no amor ao homem foram para sempre estabelecidos”. (Rahner, 1969, p.158). O que temos no evento pascal é uma história de salvação sendo, concretamente, estabelecida em nossa história.

É no horizonte da Pessoa do Filho Crucificado e Ressuscitado que está fundamentada toda a abordagem sobre Deus em sua unicidade trina. A fé pascal é a única via pela qual é possível testemunhar com singularidade o relacionar-se salvífico do advento com o êxodo humano. Segundo Boff (2014), na vida e na ação do verbo encarnado, morto e ressuscitado eclode a revelação do Espírito Santo. Assim, a teologia da revelação é principiada, desenvolvida e encontra o seu ápice na profissão de fé. Por isso, a hermenêutica do pensar e narrar de maneira atualizada essa história, exige uma disposição livre de fé na economia da salvação.

1.4 Considerações parciais

Pensar a revelação na perspectiva hermenêutica de advento e êxodo é identificá-la nas categorias de economia e imanência de Deus. Uma parte trata da essência de Deus, a outra evidencia o processo de como se experiencia o mistério de Deus na atualidade. A narrativa sobre a Trindade passa pela compreensão de *revelatus* e *absconditus*. Nessa perspectiva, advento e êxodo são as palavras com as quais Deus conta sua história, e com as quais o ser humano relata a sua caminhada de fidelidade a Deus.

Tratar sobre a revelação da Trindade é compreender-se no movimento atropo-teológico de entrada no mistério do amor eterno. A revelação em si é de caráter dinâmico-evolutivo. As características de economia e imanência atribuídas ao mistério são, enquanto correspondência de amor, expressão de comunhão, de salvação e graça. Fica evidente que em Cristo há o conteúdo e a forma da autocomunicação de Deus, que mediada pela missão específica do Espírito Santo é história divina acontecendo na história humana. Desse modo, dar-se a experiência mística do peregrinar humano em busca do encontro com Deus, que ao assumir o

ser humano em sua totalidade, oferece-lhe as possibilidades de uma libertação plena. Segundo Congar:

A “economia “ou plano de Deus, do qual as Escrituras dão testemunho, progride no sentido de uma interioridade mais profunda. A escatologia será a interioridade absoluta: “Deus inteiro em nós”. O progresso é claro no Antigo Testamento. Seu cumprimento se dará no Novo, ligado a uma revelação e a uma experiência mais perfeita do Espírito. É permitido constatar um engajamento progressivo, ao mesmo tempo que uma revelação mais completa do próprio Deus, Pai, Filho, Espírito Santo. É o plano de nosso credo. Ao Pai é atribuída a criação, que é visível e comum; ao Filho, a Revelação e a redenção, que são obras gerais inscritas na história; ao Espírito “que habita em nossos corações”, a santificação, a habitação, a intimidade (Congar, 2005, p. 30).

Em suma, no evento da revelação não está inclusa somente a real verdade da Palavra de Deus, mas, também, o que se refere ao êxodo humano, que tem, factualmente, uma espessa história, razão pela qual a revelação pode ser compreendida como resposta a um ato de fé, uma acolhida viva da mensagem histórica de Deus.

O advento de Deus, dado no *locus* do êxodo humano é caracterizado como tematização reflexa da revelação transcendental. A unidade entre autocomunicação e mediação histórica na pessoa de Jesus Cristo, Deus humanado, e a recepção humana dessa revelação histórica estão inclusas num único e mesmo mistério a saber: o mistério da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) em sua comunhão de amor.

II - A VIVÊNCIA DA FÉ CRISTÃ NA HODIERNA CULTURA DA DIGITALIZAÇÃO

O hodierno mundo envolto à revolucionária cultura do virtual-digital, apresenta-se como um desafio à religião natural-institucional e à própria eclesiologia. Isso, porque “o homem aplica seus conhecimentos na técnica e na indústria. A própria ciência passou a ser tecnociência, pois entre o cientista e seu objeto de estudo colocam-se equipamentos cada vez mais sofisticados” (Zilles, 2020, p.14). Nesse cenário, as crenças e experiências de fé são questionadas pela revolução tecnológica e do pensamento. A sociedade é, fundamentalmente, marcada pela complexidade, continuamente tendo que lidar com o movimento das novas linguagens, instrumentais e plataformas, que desfecha em uma multiplicidade de formas de comunicação. É o mundo da tecnologia no qual tudo passa a ser pensado e visto à luz da economia, inclusive a experiência religiosa em suas mais variadas formas de credo e expressões.

A fé proclamada, vivenciada e testemunhada no mundo eclesial cristão confronta-se com os novos e simbólicos paradigmas de linguagem disponíveis no contemporâneo da história. Os novos símbolos e signos em seu movimento epocal ocupam ambientes e configuram novas culturas que incidem, diretamente, na liberdade de fé e na amizade social-eclesial. O hodierno cenário, imbuído de fechamentos e aberturas, da cultura midiática-internética populista, pode ser chamado de Era Digital. Nesse mundo “o teólogo necessita do diálogo entre a teologia e a ciência, sabendo que a teologia deve respeitar a autonomia da ciência e essa, a da teologia” (Zilles, 2020, p.166).

A nervura da experiência humano-cristã da fé consiste em formar discípulos humildes e fiéis do crucificado. A força motriz da fé cristã é o próprio Deus. Segundo Castells (2005, p. 32), a Era digital, também conhecida como Era da informação, é a denominação atribuída ao período posterior à Era industrial, localizada, historicamente, após a década de 1980. Suas raízes, todavia, encontram-se solidificadas no limiar do século XX, precisamente, na década de 1970, com o surgimento do microprocessador, da rede de computadores, da fibra ótica e do computador pessoal. Como pode-se aferir, é uma era expansiva, conectiva e radiativa, isto é, dinâmica, transfigurada pela moderna cientificidade. Sua vitalidade centra-se na capacidade de valorar a diversidade, a interação e a pluralidade. Nesse aspecto, consegue contribuir com a reflexão teológica a respeito das consciências e experiências da fé no *locus* eclesial-cristão-católico. Por outro viés, identifica-se comumente com a superficialização do conhecimento e da comunicação, empobrecendo a culturalidade da verdade do saber.

Esse universo “mutavelmente tecnologizado” redimensiona a consciência do ser humano em relação à criação e a si mesmo. A rede de internet, o instrumental centralizador da atenção do ser humano hodierno, que se originou como um instrumento facilitador de conhecimento e informação, converteu-se em um sistema mediador de novas possibilidades, comportamentos e atitudes. Primeiramente, o próprio corpo de radiação internética sofre concomitantes transformações; depois, o conteúdo da comunicação transborda o físico e chega, assombrosamente, às esferas antro-po-geográficas do planeta em tempo surreal, modificando em todos os aspectos as estruturas e visões de mundo. A pessoa humana metamorfoseada de entretenimentos informativos protagoniza “a substituição do átomo pelo bit, do físico pelo virtual, a um ritmo exponencial, que vai converter o *homo sapiens* em *homo digitalis*” (Terceiro, 2024, p.31).

Em uma sciência teológica, é possível dizer que posterior a denominada “Era de Gutemberg e da Era da Imagem”, vive-se na Era da Digitalização de tudo quanto possa ser pensado em termos de ciência da vida. Um salto que revoluciona o próprio paradigma de cultura e sociedades modernas. Como já afirmara *Gaudium et Spes*, “entre os principais aspectos do mundo atual conta-se a multiplicação das relações entre os homens, cujo desenvolvimento é muito favorecido pelos progressos técnicos hodiernos”. (GS, n.23). Essa complexa e virtual época é, hodiernamente, *locus* das tecnologias, mercadologias, religiões, políticas, artes, economias, ciências e comportamentos.

É próprio do mundo digital a autoexposição de informações prontas, cuja essência (de formação) fica comprometida pela superficialidade. Assim, o conhecimento é correlato com as tendências mito-convencionais, na qual se pensa que sabe alguma coisa, quando, na verdade, o que se sabe é fruto de uma rede de informações populistas, sem essência (fundamentação) científico-lógica. Em meio à deficiência das múltiplas informações ilusórias postas pelas plataformas digitais, urge a necessidade de se produzir um conteúdo substancial, que transcenda em qualidade ao que é visto e ouvido.

É nesse complexo ambiente social que as religiões, igrejas e a própria teologia se encontram e experienciam os confrontamentos e desafios que o mudo virtual-digital apresenta com interpelação da fé, de modo *sui generis*, a cristã. Dessa forma, “a fé confere força e energia à vontade. Ela liberta a personalidade humana do medo, da pressão da família, da sociedade, das autoridades, do Estado e da nação” (Comblim, 1984, p.94). Nesse aspecto, pensou-se em desenvolver uma abordagem sobre o significado da fé cristã em diálogo com o mundo da internet. Conforme Spadaro, “a Igreja na rede é chamada, pois, não só para uma “emissão” de

conteúdos, mas também para um “testemunho” num contexto de relações amplas” (Spadaro, 2012, p.88). Nesse cenário de mudanças, chamado a cultura do encontro, a “Era digital” pode ser entendida como *locus* e possibilidades de um diálogo aberto entre teologia e cultura.

2.1. O tema da fé no horizonte histórico e Bíblico-teológico

As Sagradas Escrituras tratam e apresentam o tema da fé como eixo central para se chegar ao conhecimento da verdade revelada, que antes de qualquer hermenêutica, é Palavra de Deus. Quando relacionada com as concepções de fé do mundo ocidental, constata-se que no âmbito semítico o ato de crer transcende a questão da lógica no horizonte do conhecimento de Deus: “ela é um ato complexo, que envolve o homem como um todo, face a uma pessoa reconhecida em toda a sua riqueza” (Monloubon, 1997, p. 286). Com isso, a fé bíblica é compreendida como *dynamis* do peregrinar humano.

Os hebreus reconhecem e acolhem a palavra de Moisés como palavra divina (Ex 4,5.8.31), por ser uma palavra de procedência credível e de autêntica firmeza inspira confiança. Nesse sentido, teologicamente, “crer é afirmar a fidelidade de Deus, com plena confiança nele, aceitando seus mandamentos. Ter fé em Deus é crer nele, estar certo de que ele é verdadeiro, é confiar nele e depender totalmente dele” (Monloubon, 1997, p. 286).

Na cultura hebraica é possível uma pluralidade de vocábulos referente à verdade da fé. Isso evidencia uma complexidade de adesão espiritual de quem, em sua total consciência e liberdade, optou por ela como princípio de fundação e orientação da existência no mundo-vida. De forma semelhante, a estrutura vocabular grega apresenta expressões diversas. Assim, é discernível afirmar que a fé na literatura bíblica se constitui em dois horizontes: por um lado, a adesão que se faz a uma pessoa fiel e engaja o ser humano em sua totalidade e inteireza; por outro, um movimento da razão que conduz o crente a realidades não sensíveis (cf. Hb 11,1). É nesse âmago que se funda as raízes e características cognitivas da fé: realidade das realidades esperanças, testemunho das coisas invisíveis, pelas quais o coração humano foi encontrado e busca encontrá-las. Conforme Souza:

A fé é o sustento de nossas esperanças onde subsistem as coisas invisíveis. Logo, tanto a sustentação quanto as provas da fé vêm da força do testemunho e da argumentação, como indica São Paulo ao orientar seu amigo Tito (Tt 1,9) sobre a verdadeira doutrina (Souza, 2010, p.146).

No arcabouço das Sagradas Escrituras a fé é concebida como uma exigência da Aliança, cujo movimento consiste na epifania do envolver-se de Deus com a história de Israel. Hermeneuticamente, a essência da fé é expressa na confiança de que o Senhor é um Deus comprometido com a vida da humanidade. Assim, a Aliança “requer que Israel obedeça à Palavra de Deus (Ex 19,3-9). Ora, ouvir o Senhor, vem a ser primeiramente crer nele (Dt 9,23; Sl 106,24); a Aliança, portanto postula a fé (cf. Sl 78,37)” (Léon-Dufor, 1992, p.337).

Os profetas entendem e apresentam a fé como o sentido primeiro e último da vida, cuja identidade é compreendida na condição de dom a ser ofertado a Israel na Nova Aliança. Assim, reconhecem-se como responsáveis diretos em orientar a fé do povo no Servo de Javé. No Novo Testamento, mais precisamente nos escritos de Mateus (Mt 16,13-16), encontra-se a partir do apóstolo Pedro uma definição concisa a respeito do tema da fé, que corresponde, exclusivamente, a adesão pessoal e comunitária à pessoa de Jesus. É a via unificadora da comunidade dos discípulos a Ele e entre eles.

A fé é compreendida como ponto de comunhão e participação no mistério trinitário de Deus, revelado, plenamente, na pessoa do Filho e posta à luz do conhecimento pelo Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho (Mt 16,18-20). Então, é possível afirmar que o conteúdo dessa fé nos evangelhos sinóticos está em aberto. Conforme Mackenzie, “a fé também pode ser definida como aceitação do próprio Jesus como sendo o que ele proclama ser” (Mackenzie, 1984, p. 342). Assim, o seguimento dos discípulos é acompanhado e sustentado pela fé, com a qual proclamam que Jesus é o Senhor e pelo qual são capazes do martírio (cf. Hb 12,4).

No quarto evangelho, a fé é caracteristicamente mais interpessoal do que nos sinóticos e constitui-se como fonte teológica da sua estruturação. Nesse, é o próprio Jesus quem convoca a experiência da sua pessoa, cuja fé é a ponte. A atenção ao convite movimenta um relacionamento de amizade com Jesus (cf. Jo 15,15). Sendo assim:

Crer e conhecer, especialmente em João, são conceitos afins e por vezes até permutáveis entre si, o significado oculto, entretanto, é diferente e desestimulante para aquele que pretende recorrer às modernas teorias do conhecimento [...] A fé, em outras palavras, abre caminho a um conhecimento e a uma compreensão cada vez maiores, e a uma comunhão cada vez mais profunda com a pessoa que é assim conhecida, até conduzir ao amor (Fisichella, 2020, p. 94-95).

No quarto evangelho a fé e o conhecimento existem em uma unidade profunda e indivisível. A ligação entre essas duas dimensões dá-se por meio do amor. Uma vez que, se fosse unicamente via razão, esvaziava-se o sentido de ser da relação entre fé e razão. Na cultura da amizade entre fé e razão subsiste uma relação de amor, de aliança entre o crente e Deus. O

apostolo Paulo é referência de quem no processo de conversão deixa-se conduzir pela vida de fé no Filho de Deus, crucificado e ressuscitado (Gl 2,20). “Ele experimenta a mística de ser crucificado com Cristo, mediante a qual Cristo vive nele” (Mackenzie, 1984, p. 342).

O apóstolo Paulo concebe a fé como uma atitude de confiança total em Deus Salvador (cf. Rm 1,16; Gl 2,16; Ef 1,13; 2Ts 2,13). O ser humano movido pela fé, com consciência e liberdade, acolhe em todo o seu ser a mensagem salvífica de Cristo e com sabedoria procura viver, existencialmente, em união com a graça divina. Sendo assim, o cristão pela fé é configurado a Cristo na transparência do seu ser e das suas obras. Por sua vez, ele é chamado e formado a um seguimento de entrega e confiança nos desígnios do amor divino (cf. Rm 13,11; Fl 1,27). Nesse sentido, Fisichella afirma:

Para Paulo é a fé que define o ser cristão e a identidade pessoal. Trata-se de uma realidade dinâmica que tem início com a aceitação do batismo que torna as pessoas justificadas. É essa dimensão que caracteriza a fé paulina; a justificação para a salvação é um processo que deve levar o crente a uma assimilação total com o Senhor. Isso dura toda a vida e não conhece interrupção alguma ou alternância no empenho (Fisichella, 2000, p. 96).

O ato de crer é, fundamentalmente, determinante para a formação da identidade cristã, haja vista ser a fé um dom da comunidade eclesial (Igreja). Os cristãos são reconhecidos pela proclamação da fé em Jesus Cristo. Na liturgia batismal, o fiel expressa com toda liberdade sua adesão a vida de Deus revelada plenamente no Filho eterno. Uma vez mergulhado na vida da graça, mistério da Trindade, ele testemunhará pelo seu modo de vida, em quem e em quê de fato crê. Nessa dinâmica, o cristão pessoal e eclesialmente une-se a Cristo, que lhe garante o dom da salvação.

2.1.1 A concepção de fé na Patrística

No âmbito teológico da Patrística, a preocupação por parte dos Santos Padres da Igreja e dos teólogos cristãos da antiguidade é sobre a natureza da fé. Nesse cenário histórico destaca-se a reflexão sobre os fundamentos bíblicos da fé em relação à identidade do ser cristão no mundo. Aqui entra em discussão o tema da conversão como provocação do ato de crer, isto é, na medida em que se dispõe a verdade da fé, urge-se a necessidade de um autêntico redirecionamento da vida, a luz da ação *kenótica do logos* de Deus. Este, “encarna-se no mundo real dos pobres e como pobre entre os pobres, no meio dos pecadores é que pode exercer a salvação para todos” (Vieira, 2023, p.137). Assim, salvaguarda-se uma teologia encarnada, que pensa a fé em relação dialógica com o mundo.

A teologia da fé é gestada, aprofundada e testemunhada na ambiência eclesial, de modo que, crer em Cristo significa aderir a universalidade do evangelho, cuja Igreja é a primeira responsável em anunciar. Na teologia Patrística, ter fé e seguir os ensinamentos da Igreja consiste em uma total e convicta pertença à comunidade dos discípulos de Jesus. Com a acentuada crise do gnosticismo, o até então defendido conceito de fé é posto em risco. Para os idealizadores e defensores desse movimento, a fé é entendida como um conhecimento de caráter secundário-minimalista, que precisa ser substituída pelo conhecimento primário, isto é, de natureza racional.

Em contraposição ao agnosticismo, os teólogos cristãos defendem e apresentam a fé como um conhecimento de natureza bem contundente. Assim, “o conhecimento da fé não anula o mistério; torna-o mais evidente e apresenta-o como um fato essencial para a vida do homem” (FR 13). Não se pode esquecer que o dom e a ciência da fé derivam da relação do ser humano com o mistério de Deus, logo não pode ser discernida, unicamente, pelas faculdades humanas, mas, essencialmente, pela fidelidade de Deus, que em sua revelação se autocomunica, fazendo-se ouvir e ser aceito na liberdade e no amor pelo ser humano. “O ato de fé, do homem não se fundamenta na fragilidade e mutabilidade humana, mas, sim, na firmeza e na fidelidade de Deus, a quem o homem, depois de ouvir, se entrega na fé” (Feiner, 1965, p. 30). A fé, para os cristãos é um reconhecimento e, ao mesmo tempo, uma resposta de obediência a Deus. Assim, não pode ser reduzida a um conhecimento de ordem cognitiva superior. Conforme Feiner e Loehrer:

[...], a fé é aquele elemento simples e definitivo de que o homem não pode prescindir. É, também algo que – como o tinham observado, sobretudo os teólogos alexandrinos – ele só sabe avaliar em seu justo sentido, quando atinge a *gnosis*. Algo, enfim, que só se completa quando o homem cumpre os mandamentos com amor e perfeição (Feiner; Loehrer, 1965, p. 30-31).

Para os teólogos da Escola de Alexandria, o ser humano ao alcançar a dimensão da *gnosis* inteira-se do verdadeiro sentido da fé para a vida. “Com isso, não se nega que a fé é graça. Mas, mesmo quando Deus fala ao homem, este é desafiado a pensar e a decidir. A própria razão é dom de Deus, por isso a fé exige o uso do conhecimento” (Zilles, 2020, p.27). O ser humano, ao atingir esse conhecimento, busca aprofundar-se na experiência da busca pela perfeição, cuja plenitude consiste em cumprir, fielmente, os mandamentos de Deus. Clemente de Alexandria e outros Padres da Igreja dos primeiros séculos defendem a mística da fé na perspectiva da verdadeira *gnosis*. Assim, o ato de crer é eminentemente dinâmico, cujo desdobramento traduz-se na *práxis* do mandamento do amor.

É significativo perceber que as questões e interpretações gnósticas da Sagrada Escritura, possibilitaram à hermenêutica Patrística um discernimento criterioso, extraído das Escrituras a respeito da veracidade da fé contra o pensamento herético. Nesse contexto, é a *Regula Fidei* quem vai estabelecer a mediação da unidade de fé dos cristãos. Nessa regra está contida o tesouro do Evangelho, salvaguarda-se a verdade testamentaria que os apóstolos receberam e anunciaram com fidelidade, conforme o mandato do Senhor e cuja Igreja, desde a sua gênese, tem a missão de levar adiante. Ao alcançar a *gnosis*, o ser humano imbuído da sabedoria divina, mediante a experiência do esperar da fé torna-se capaz de Deus, que é puramente amor.

2.1.2 – A fé no período medieval e moderno

Quanto à compreensão teológica da fé no ambiente histórico medieval, faz-se necessário recorrer a São Tomás de Aquino, que entende como “ato do intelecto que assente à verdade divina, por domínio da vontade, movida pela graça de Deus” (Aquino, 1980, p.2055). A construção teológica medieval deu-se à luz dessa concepção de estrutura, fundamentalmente, racional. Nessa temporalidade, a fé é vislumbrada como ato reflexivo de índole lógica a respeito do imanente-transcendente. Essa identidade intelectual da fé foi expressiva na relação da contrarreforma em confronto com o pensamento de Martinho Lutero, na efervescência da “Era Moderna”. Conforme Latimier:

A fé é vista como uma certeza intelectual a respeito das realidades ausentes, superior à opinião e inferior à ciência; e contribui para pensar o equilíbrio dos fatores racionais e afetivos afirmando que a *fides quae* procede da razão, e a *fides qua*, das potências do afeto, que a matéria da fé está no conhecimento, mas sua substância na *affectio* (Latimier, 2004, p.724).

No escopo da modernidade, a teologia da fé é marcada pela contrarreforma, que se defronta com o reformador Martinho Lutero. Para Lutero, a fé é um processo salvífico, cuja ação é realizada no ser humano pelo *Pneuma*. Partindo desse princípio, a fé é fonte de origem do ser humano novo, (*fides facit persona*). Assim, é possível dizer que o *locus* de desenvoltura do exercício teológico é as três virtudes: fé, esperança e caridade. A fé é gestada e nasce da escuta da Palavra - *Fides ex audit* (Rm 10,17), mas se encontra comumente unida à esperança e à caridade, sem as quais perderia o sentido e razão de ser.

Para Martinho Lutero, a fé é a única via pela qual o ser humano pode conhecer a magnitude do *divinum mysterium Dei*. Ele utiliza-se de uma linguagem específica para afirmar: “*Fides est creatrix divinitas, non in persona, sed in novis* (a fé é criadora da divindade, não em si mesma, mas em nós)” (Lutero, 2004, p.725-726). Isso significa que fora da dimensão da fé,

a Divindade de Deus perde sua justiça e sua glória diante do ser humano e da criação. Com essa perspectiva teológica, a fé constitui-se como ambiente imaterial da manifestação divina na história humana.

Com o Concílio de Trento (1545-1563), a Igreja posiciona-se em resposta ao paradigma teológico protestante da fé: em uma primeira instância recusou-se a concentração teológica no conteúdo da fé e em um segundo posicionamento reiterou comprovadamente a doutrina das virtudes teológicas, destacando que a intimidade do ser humano com o mistério trinitário de Deus exige não só a verdade da fé, mas também, da esperança e da caridade (DS 1531). O Concílio sabiamente enfatizou que a vida teológica no ser humano sinaliza uma graça proveniente (DS 1553), que capacita a vontade e a liberdade a cooperar com a interpelação de Deus. Isto é, o cristão por meio do livre-arbítrio, munido das virtudes teológicas da fé, esperança e caridade é capaz de responder e corresponder aos designios do desejo de Deus que chama.

2.2. A concepção de fé na eclesiologia do Concílio Vaticano II

A princípio, entendemos que o ponto de partida para a reflexão da fé na atualidade funda-se, originariamente, no arcabouço teológico-pastoral do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). O evento constitui o marco de uma renovação eclesiológica pastoral, que iluminada e dinamizada pelo mistagogo Espírito de Cristo, crucificado e ressuscitado, abre as suas portas para o diálogo com o mundo e suas culturas.

No Concílio, a abordagem sobre a fé não se limita ao aspecto dogmático-conceitual, mas dá-se em relação dialogal com outras esferas do conhecimento. A teologia da fé permeia de forma significativa os diversos temas tratados pelo Concílio Ecumênico, como: fé e cultura (cf. GS 57-59); eficácia frente ao ateísmo (cf. GS 21); papel da fé na evangelização (cf. LG 23; AG 36). Sobre essa temática, afirmam os teólogos Christoph Theobald e Bernard Sesboué:

O texto estabelece a “analogia” entre a liberdade teológica, o aspecto voluntário do ato de fé e a liberdade religiosa. Quanto ao ato de fé, relembra uma afirmação doutrinária tradicional, que sempre integrou o tratado de teologia fundamental da fé e da qual se tirou há muito a consequência de que não se pode impor pela força a fé cristã. [...] É um direito da consciência religiosa como tal exprimi livremente sua fé, conforme a luz da sua consciência (Sesboué; Theobald, 2006, p. 470).

O movimento *ad fontes* proposto a Igreja e pela Igreja do Concílio Vaticano II é, profeticamente, de acolhida do mistério Trinitário de Deus que se dá a conhecer por meio da Revelação cristã. Constata-se uma profunda relação autocomunicativa entre Deus e seu povo,

entre o Divino e o humano. Aqui é gestada uma antropologia teológica com a finalidade de oferecer elementos iluminadores da compreensão do relacionar-se de Deus com a humanidade, e dessa com Deus.

No que tange ao tratado sobre a liberdade religiosa é de fundamental importância a defesa da liberdade de expressão da fé. O ser humano, enquanto sujeito consciente da sua natureza religiosa tem o livre direito de decidir em que crer. Partindo do pressuposto de que a fé ou o ato de crer como resposta, principia e funda toda a reflexão bíblico-teológica e a doutrina dos Santos Padres, é possível conceituá-la como sendo núcleo de desenvolvimento de uma teologia da cultura. Nesse sentido, a fé é um dom divino, que pré-dispõe o ser humano a relacionar-se ciente e livremente com a obra da criação e com as culturas possíveis. É uma plataforma imaterial, aberta ao diálogo com a inteligência e experiência humana, “ela é fonte de coragem para iniciar a ação, inventar e criar respostas novas aos desafios da vida” (Comblin, 1984, p.94).

A *práxis* teológica e antropológica da fé é, essencialmente, de natureza voluntária. O ser humano, *imago et similitudo Dei*, salvo e vocacionado no Filho (Jesus Cristo) a dignidade de filho de Deus, não pode crer no mistério da sua revelação sem que o Pai o atraia em seu amor. Nessa premissa teológica, radica-se a defesa da liberdade humana em professar religiosamente a fé. Assim, a necessidade da fé é algo que está implícito no chamado à liberdade dos filhos e filhas de Deus. Por isso, nem um ser humano em sua consciência pode ser forçado a conter a fé, uma vez que, esse é livre e para a liberdade (Gl 5,1). O ser humano (*fidelis, doctus, eruditus, publicus e ecclesiasticus*) movido pela livre vontade professa com todo o seu ser a fé no mistério trinitário de Deus. Sendo a fé um assentimento voluntário, cuja ação é atração de Deus (cf. Jo 6,44) cabe ao ser humano responder com liberdade de fé. Encontra-se aqui a fundamentação para o exercício consciente da liberdade da fé. A Constituição Dogmática *Dei Verbum* traz a seguinte reflexão:

Ao Deus que se revela deve-se a obediência da fé [...], pela qual o homem livremente se entrega a Deus prestando “ao Deus revelador um obséquio pleno do intelecto e da vontade” e dando voluntario assentimento à revelação feita por Ele. Para que se preste essa fé, exige-se a graça prévia e adjuvante de Deus e os auxílios íntimos do Espírito Santo (*DV, n.5*).

No contexto eclesiológico do Vaticano II, a fé é concebida como uma obediente resposta do ser humano à Revelação de Deus. O ser humano alcançado e atraído pela autocomunicação Divina é capacitado a crer. Sua primeira atitude é de entrega confiante pelo intelecto e pela vontade de Deus. Assim, com todo o seu ser, aceita a plenitude da Revelação. Sendo assim, a fé é entendida como dom, cujo Espírito Santo infunde na natureza humana convertendo-a a

Deus. Segundo Sesboué, “a Revelação exige a obediência da fé, expressa aqui em estilo paulino. Mas o enfoque continua sendo do encontro interpessoal e dialógico, num ato integral do homem, pelo qual ele põe na balança inteligência, vontade e coração” (Sesboué, 2006, p.431).

Na Constituição Dogmática *Dei Verbum*, a obediência da fé consiste num ato de entrega total do ser humano a Deus. Uma vez que este acolhe às verdades reveladas, orienta sua existência no mundo-vida para uma coerência com o plano salvífico de Deus; consumado totalmente na pessoa do Filho, encarnado, morto e ressuscitado em seu mistério de amor. “No sentido teológico, crer é, em primeiro lugar, crer numa pessoa, no Deus vivo e pessoal” (Zilles, 2020, p. 25). A decisão de entrega primeira é de Deus. Decisão essa que move uma ação de vontade e intelecto semelhante por parte do ser humano, que responde entregando-se por completo ao Senhor. A doutrina do Concílio Vaticano II trata sobre a fé como uma relação dialógica de filiação e amizade entre humano e divino em relação à vida da criação. Enquanto resposta, é dirigida única e totalmente a Deus e à sua Palavra salvífica. Assim, hermeneuticamente, a experiência da fé é de foro pessoal-ecclesial, uma vez que se constitui como tesouro da Igreja. Conforme o Catecismo da Igreja Católica:

Pela fé, o homem submete completamente sua inteligência e sua vontade a Deus. com todo o seu ser, o homem dá seu assentimento a Deus Revelador. A Sagrada Escritura denomina obediência da fé a essa resposta do homem ao Deus que revela. (CIC, n. 143).

Na eclesiologia do Vaticano II, o sentido da fé radica-se na submissão livre do ser humano à Palavra revelada de Deus. A Palavra revelada é fonte da fé e, ao mesmo tempo, horizonte para o qual se direciona o ato livre de crer, como resposta a iniciativa divina. Nesse sentido, a liberdade principia e fundamenta a formação da relação de amizade com Deus, na perspectiva da obediência da fé. Diante das verdades reveladas, a fé emerge como um dom a ser acolhido, um ato de inteligência e vontade livre do ser humano, uma via pela qual se faz a experiência do Deus salvador. No que tange a fé como ato subjetivo, esta não é um ato isolado. Embora o ser humano faça, pessoalmente, essa experiência, é a partir da e na comunidade ecclesial que o ato ganha força e sentido de ser, enquanto virtude teologal, graça de Deus. Segundo o Catecismo da Igreja Católica:

“Eu creio”: esta é a fé da Igreja, professada pessoalmente por todo crente, principalmente pelo batismo. “Nós cremos”: esta é a fé da Igreja confessada pelos bispos reunidos em Concílio ou, mais comumente, pela assembleia litúrgica dos crentes. “Eu creio” é também a Igreja, nossa Mãe, que responde a Deus com sua fé e que nos ensina a dizer: “eu creio”, “nós cremos (CIC. n. 167).

Portanto, quando se pensa a dimensão pessoal da fé como algo próprio da natureza humana, também é necessário considerar o aspecto da eclesialidade, principalmente, em tempos atuais, marcados por excesso de informações de egos individualistas. Nesse sentido, “a fé é pessoal, mas a pessoa não existe sozinha. Uma pessoa é, antes de tudo, um núcleo de relações e conexões com outras pessoas” (Comblin, 1984, p.95).

A fé embora passe pelo âmbito pessoal é essencialmente eclesial. É a alma da vida comunitária. Ela é vivida em comunidade, alimenta-se e sustenta-se na comunidade. Por isso, “a Igreja e a fé são sempre as mesmas na sua própria história” (Rahner, 1969, p.62). Assim, o ser humano, agraciado pelos dons da inteligência e da vontade, conduzidas pelo Espírito Santo, recebe da comunidade eclesial o conteúdo da fé e torna-se discípulo missionário na transmissão atualizada dessas verdades, colocando-as em diálogo com o mundo das possíveis e reconhecidas culturas.

2.3. Fé e Era Digital: Teologia e cultura em diálogo

Teologicamente, a fé media e visibiliza a relação do Criador com a sua criação. Na atualidade, teologia e cultura encontram-se e gestam uma compreensão, uma experiência mistagógica e encarnada de Deus. Assim, no complexo palco da modernidade, fé e razão, teologia e cultura, devoção e mística coabitam dando à luz a um ser humano virtualizado, em desenvolvimento de integração e comunicação. A força do Espírito conduz a renovada humanidade em Cristo a novos modos de pensar e sentir a presença de Deus num cenário eclesiológico de mudanças e atualizações. Sem receio intelectual e sensitivo, pode-se dizer que o Espírito é o grande protagonista do possível diálogo entre teologia e cultura, Igreja e mundo moderno. Entre esses novos modos, destaca-se em visibilidade e agilidade a rede de internet.

A fé enquanto graça é, antes de tudo, realidade encarnada na história, “pertence ao pensar compreensivo, ou seja, ao saber do homem” (Zilles, 2020, p.25). Tendo isso em vista, é conexa e comprometida em estabelecer um diálogo verdadeiro com o mundo plural dos ambientes culturais, nas quais é vivenciada. A mudança de época, devido às transformações antropológicas e sociais, insere a dimensão da fé em múltiplos desafios. Nesse contexto identificado e reconhecido como *locus* das novas tecnologias, o entendimento da experiência da fé alarga-se alcançando novas e complexas hermenêuticas. Sendo assim, mudar atitudes e posturas são uma exigência eminente. É preciso romper com a indiferença que mata a

possibilidade de uma experiência de fé com a Pessoa de Jesus, a partir da qual, desenvolve-se um verdadeiro diálogo entre teologia e cultura, fé e ciência.

Na Era digital, o que marca o ato de crer é a relação entre criação, ser humano e Deus. O mundo hodierno é caracterizado pelo avanço das tecnologias digitais, que iniciam processos acelerados de mudança sociais e culturais. Conforme Santaella, “mudança é a palavra que melhor caracteriza o atual momento histórico, justamente denominado como era da mobilidade” (Santaella, 2007, p.180-183). Na verdade, as mudanças constituem a dinâmica que dá sentido à existência histórica do ser humano no mundo-vida. A complexa e líquida mobilidade é causada pela cultura digital, cujas raízes radicam-se no intelecto humano e transbordam em suas ações. Segundo Lévy, “a cultura digital é associada a um conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensar, valores presentes e atuantes no mundo da internet” (Lévy, 1998, p.17). A fé cristã entende que Jesus é a Palavra encarnada no tempo, a figura central para a formação do diálogo entre teologia e cultura em tempos de digitalização. Em sua vida estão o conteúdo e método dessa formação.

A interconexão global de computadores gera a internet como a novidade mais atual no mundo da comunicação. Essa, por sua vez, possui, culturalmente, uma natureza de caráter virtual que a faz transcender a fisicalidade. Assim, difunde-se com uma rapidez de difícil explicação, que verte a normalidade das categorias conceituais de tempo e espaço. De acordo com Spadaro, “a internet é um novo contexto existencial, não um lugar específico no qual se entra em algum momento para viver *on line* e do qual se sai para entrar novamente *off line*” (Spadaro, 2012, p.18). A internet, mais do que um instrumento hodierno de comunicação, é um contexto existencial. É um sistema técnico-cultural, cuja função consiste em automatizar as potências da inteligência humana em relação a ordem universal das relações interpessoais.

No âmbito eclesial a internet tem a sua importância, não como um novo meio de fazer ecoar o anúncio do Evangelho, mas, como um contexto no qual a fé cristã pode ser pensada, refletida e testemunhada em relação a ciência, e com as possíveis culturas humanas. Pode-se dizer que a internet estreita relações e viabiliza o dom da comunicação da *Evangelii Gaudium*, da qual a fé humana-cristã é testemunha viva. A internet ainda pode ser entendida como *locus* de pleno compartilhamento humano, como veículo de diálogo entre eclesiologia e o mundo das modernidades, como resposta ao *aggiornamento* suscitado pelo Concílio Vaticano II. Assim, “de lugar de ‘conexão’, a rede é chamada a se tornar lugar de comunhão” (Spadaro, 2012, p.113).

Sendo a cultura virtual algo tão marcante na história humana, ela também repercute na vida eclesial diária. Para Spadaro, “quando se olha para a internet, vemos não só as perspectivas

do futuro que ela oferece, mas também os desejos que o ser humano sempre teve aos quais procura satisfazer, ou seja: relacionamentos, comunicação e conhecimento” (Spadaro, 2012, p.16). O que caracteriza o virtual-digital é a sua universalidade, sem que haja uma diretriz de organização e discernimento dos conteúdos produzidos e oferecidos pelas plataformas digitais. Essa ausência de critérios e normas evidencia uma deficiência pedagógica desse universo comunicativo, podendo dogmatizar a relatividade da verdade. Isso apresenta um desafio para a comunidade de fé (Igreja). É, sobretudo, um problema para a reflexão teológica, incumbida de analisar e perceber o que existe de verdade enquanto experiência de Deus, no que é largamente exposto, disponibilizado e discutido nas redes digitais.

A internet em seu positivo-crítico constitui um sistema aberto de experiência, formação e comunicação da mensagem revelada em desdobramento de compreensão, no que tange a sua dimensão mística, “é um espaço do homem, um espaço humano já que é habitado pelo ser humano. Não é mais um contexto anônimo e asséptico, mas um ambiente antropologicamente qualificado” (Pompili, 2011, p.62). Esse contexto-sistêmico é regido pelo princípio da liberdade de pensamento, escolha e, sobretudo, de expressão totalizante do ser humano. Seja por meio de ideias, imagens ou de outras possíveis linguagens. A eminente experiência intercultural da absolutização digital da liberdade do ser e existir no mundo-vida apresenta desafios interpelativos para a compreensão da fé cristã. Esses desafios contribuem para o desenvolvimento da compreensão dogmática da fé. No cenário atual, a cultura internética é uma via de experiência na qual o ser humano-religioso descobre-se, existencialmente, na “casa comum” em relação com Deus, com os outros e com o ambiente. Nesse sentido, Spadaro afirma:

A rede não é na verdade um simples “instrumento” de comunicação que se pode ou não usar, mas evoluiu num espaço, um “ambiente” cultural que determina um estilo de pensamento e cria novos territórios e novas formas de educação, contribuindo para definir também um novo modo de estimular as inteligências e de estreitar os relacionamentos; efetivamente é um modo de habitar o mundo e de organizá-lo (Spadaro, 2012, p.17).

Nesse contexto, a fé cristã é provocada a estabelecer um verdadeiro diálogo com o universo da cibercultura. Pensar o Cristianismo em tempos de rede consiste em um novo modo de compreender e apresentar a eterna novidade da Revelação de Deus ao mundo. Em uma época de mudanças e de mudanças de época, o cristianismo é salvaguardado em sua universalidade pelo seu modo distinto de crer, respeitando de maneira contextualizada a adversidade cultural.

Mais do que um imperativo categórico de caráter intelectual e de vontade humana, a fé emana da gratuidade de Deus, como atribuidora de sentido à realidade e a toda história. Essa por sua vez, expressa-se no exercício da liberdade, cuja consciência pessoal e comunitária,

imbuída do Espírito de Cristo, é responsável pelo discernimento da verdade. A fé cristã dá-se a conhecer em todos os tempos e lugares como testemunha de uma vida eminentemente eclesial. Segundo Comblin, “Jesus não chama os homens separadamente. Eles são chamados a formar o povo dos que creem” (Comblin, 1984, p. 95). Dessa forma, sem dúvida, precede os textos sagrados, uma vez que atestam, o que viveram os primeiros seguidores de Jesus Cristo.

A experiência da experiência, que comporta a integração entre fé e cultura, deve ser, para a eclesialidade, um princípio e uma necessidade permanentes. Com o acelerado e complexo desenvolvimento da internet, nasce uma consciência incerta a respeito da vivência e expressão da fé, que coloca em questão todo um processo anterior. Conforme Sbardelotto, “isso ocorre por meio de micro alterações, que se caracterizam como evolução antropotecnocomunicacional” (Sbardelotto, 2017, p.47). Há uma revolução antropotecnocomunicacional, cujo desdobramento possível é desencadeado por uma outra: a bioantropológica. Esse contexto é caracterizado pela possibilidade de interações via redes e sites. O ser humano religioso virtualizado é capaz de escolher e conduzir o seu próprio modo de expressar a fé. No âmbito das conexões nas quais o indivíduo tem a liberdade de entrar e sair, de estar *on line* ou *of line* há uma nova configuração humano-comunitária.

Na Era digital a comunidade de fé não é descaracterizada; todavia, o fiel busca inteirar-se e integrar-se a uma comunidade virtual, na qual, tem a possibilidade de compartilhar em tempo real a sua experiência de Deus. Nesse sentido, positivamente, pode-se pensar a comunidade virtual como uma continuidade extensiva e expressiva da comunidade de fé. Uma convivência na qual pode-se continuar ou descontinuar uma comunicação mistagógica do encontro pessoal com Cristo. Segundo Sbardelotto, “o fiel-internauta vive uma experiência de fé sem uma presença objetiva, mas com uma ausência objetiva do outro (seja pessoa ou lugar de culto), o que nem por isso caracteriza uma fé isolada ou individualista” (Sbardelotto, 2017, p. 47).

Os seguidores de Cristo (cristãos), membros de uma comunidade (Igreja) e mediados pela consciência da fé interagem com o sistema vigente buscando construir relações humanas significativas. É próprio da identidade cristã o saber pensar e agir a partir da revelação de Deus em relação com a criação. Faz parte da sua espiritualidade; o discernir para dialogar, em vista da realização da cultura do encontro como expressão contundente de fé. Assim, para o Papa Francisco, “Torna-se necessário uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, e que suscite os valores fundamentais” (EG, n. 74). Nessa perspectiva, a ação do cristão é uma liturgia que exacerba as mediações

institucionais da comunicação. É uma *práxis* que emana do encontro com a Pessoa de Jesus, do qual, nasce a comunicação do sentido da vida, cuja busca é comum entre todas as culturas. Assim, “constroem-se sentidos para a fé, não mais em catedrais de pedras e sim na ‘vasta catedral da mente’” (Casey, 2008, p.50).

Nos tempos atuais, a linguagem cristã da experiência de Deus é atualizada na ambiência virtual. É um contexto, no qual a pessoa humana pode perceber a contínua ação salvífica de Deus. Nesse espaço, a força transformadora do Evangelho é evidenciada, a ponto de alcançar a vida humana em suas instâncias mais profundas. O contato com o pulsar do Evangelho, acorda na consciência e no coração humano-cristão o desejo de anunciá-lo aos povos e culturas, ou, como afirma Francisco, “há uma necessidade imperiosa de evangelizar as culturas para inculturar o Evangelho” (EG, n. 69). Nesse sentido, a ação litúrgica da Igreja, através dos sinais, símbolos e ritos, torna possível ao fiel uma relação de intimidade com o mistério divino. Portanto, o sistema da internet constitui em seus ambientes (redes) espaços de sinais sensíveis, cuja materialidade digital propicia o compartilhamento das experiências do Sagrado. Lugar em que o virtual-digital não é um empecilho à fé, mas, ao contrário, constitui um *locus* no qual as pessoas são interpeladas pelas linguagens simbólicas, a ver, ouvir, tocar e ser tocado pelo *mysterium fidei*.

Na atualidade, a forma como se define e vive a fé cristã é, caracteristicamente, incidida pela cultura da lógica midiática. Os princípios reguladores são: “o predomínio da linguagem visual, a pretensão do fator econômico e a tendência de homogeneizar os conteúdos. (Zilles, 2020, p.20). Portanto, essa atual problemática evidência [...] “o império do consumo e da comunicação, que gera um indivíduo desinstitucionalizado e operacional, disposto, em todos os planos, a ter direito de dirigir a si mesmo [...]” (Lipovetski, 1983, p. 71). Nesse momento, os contextos clássicos de compartilhamento do saber, da vida e da fé têm sido ofuscados pela absolutização do virtual-digital, o que compromete a mística da interpretação da autocomunicação de Deus.

De modo geral, na Era Digital, complexa, dinâmica e baseada na lógica midiática há trocas de informações, mas uma comunicação insuficiente. As plataformas de comunicação social midiática representam um perigo para a fé cristã. Uma vez que exercem mais a informação do que o desenvolvimento de uma comunicação de natureza científica-dialógica e que podem desvirtuar a veracidade substancial da fé. “Isso porque a linguagem das imagens pode distorcer a integridade dos fatos apresentados. Aceita-se as imagens como fiel representação da realidade, sem se discernir se são realmente verdadeiras” (Sequeri,1999,

p.835). Nesse intento cultural vigente começa a se projetar uma “ciberteologia” como espaço de discernimento e de transformação dos entretenimentos informativos em conhecimento comunicativo.

Diante das necessárias exigências da inculturação e proclamação do Evangelho nas plataformas digitais a “ciberteologia” nasce como possibilitadora de uma situação de diálogo entre teologia e cultura. Igreja e linguagem midiática necessitam-se, elas precisam aprender a relacionar-se por meio do diálogo, na busca comum pelo anúncio da verdade. No arcabouço ciberteológico, a linguagem midiática passa por um processo contínuo de mudanças substanciais, cujo discernimento protagoniza a cultura do encontro. Segundo Zilles, “o que determina a comunicação é a situação de diálogo (entre duas ou mais pessoas) que implica a participação ativa e autônoma dos sujeitos em interação” (Zilles, 2020, p. 19). Isso significa dizer que o humano é condição *sine qua non* para o vir a ser concreto do diálogo. Antropologicamente, intelecto e vontade humana relacionam-se dando luz ao sentido da comunicação que transcende a informação instrumentalizada do Evangelho.

Faz parte da essência do cristianismo a excelência da comunicação. Toda a mística cristã funda-se e desenvolve-se em torno da fé num Deus que se comunica com a humanidade, de maneira peculiar por meio da encarnação do Verbo de Deus na história. Com isso, o espírito da comunicação verte os mais possíveis e modernos meios. De acordo com Zilles, “Deus comunica-se com os homens, usando todas as formas e modulações da comunicação” (Zilles, 2020, p.20). A Igreja, na condição de fiel continuadora da comunicação divina, necessita usar criticamente da linguagem midiática para fazer chegar ao coração humano a alegria do Evangelho. É inegável que a linguagem midiática condiciona, fortemente, a hodierna cultura em suas múltiplas fisionomias. Segundo Castells, “vivemos com a mídia e pela mídia” (Castells, 2005, p.358).

Pode-se dizer que as plataformas digitais, em seu sentido complexo, constituem o conteúdo basilar dos processos de comunicação. As redes sociais, privilegiam temáticas específicas e fornecem símbolos capazes de configurar comportamentos e afetar, positiva ou negativamente, o inconsciente do fiel (indivíduo). Assim, “o meio é a mensagem, porque configura de certo modo as ações e associações humanas” (Mcluhan, 1964, p. 23). O contexto virtual-digital apresenta-se como *locus* dos acontecimentos e das realidades universais. Hodiernamente, estar no mundo virtual-digital, tornou-se condição de existência, portanto, no horizonte teológico da fé, faz-se necessário iniciar discernidos processos de presença nas plataformas digitais que tem grande significância para a crença dos fiéis.

O encontro dialógico entre a reflexão teológica e o conceito de cultura é de expressiva pertinência na atualidade. A cultura forma a identidade, configura as estruturas psicológicas e afetiva do ser humano e tornando-o capaz de ressignificar e construir novas hermenêuticas a respeito da existência no universo da vida. Assim como a fé forma a consciência de ser no Filho, filhos de Deus, a cultura é o “útero” gestatório da vida social antropológica. Portanto, educadora do comportamento dos indivíduos sociais. Nesta perspectiva, pode-se dizer que cultura e normatividade da vida social não são antagônicas, mas, encontram-se, relacionalmente, no horizonte da *práxis*. Nesse entrelaçar de conceitos, está o ser humano de fé, conhecedor, ator e amante da cultura. A cultura digital com suas ambiguidades e utopias, possibilita ao ser humano a condição de decodificador. Ela representa um movimento de estímulo das aspirações humanas, inclusive a busca de Deus, cuja evidência é expressiva no modo comportamental do ser humano pensar, crer e agir. Em termos de abordagem, a respeito das transformações, Joana Puntel afirma:

[...] que existe uma mudança de época [...]. Vivemos uma época da história com sinais evidentes de transição. Em tais momentos, o ser humano passa sempre por uma sensação de vazio, de falta de senso e de normas, de incertezas e de crise permanentes [...]. Estamos passando por uma grande mutação cultural (Puntel, 2010, p.85-86).

Atualmente, a informação e formação são estreitamente veiculadas nas plataformas da mídia virtual-digital, sem as quais é inconcebível falar de comunicação. “A mídia representa o principal instrumento de informação e de formação, de guia e inspiração dos comportamentos individuais, familiares e sociais” (RM, 37). Constata-se que a mídia virtual-digital contém um sentido, enquanto *locus* real de significativas conexões, relações e projeções de futuro. Nesse contexto, é possível analisar a experiência mistagógica da fé, a inserção da beleza do testemunho cristão. Segundo Spadaro, “a cultura digital é rica de frutas a serem entalhadas e o cristão é chamado a executar uma obra de mediação entre *logos* e a cultura digital” (Spadaro, 2012, p.42).

A cultura digital constitui-se em um contexto amplo, à disposição das vastas experiências humanas, portanto, está à serviço da proclamada comunicação da Boa Nova da Salvação. Todavia, não se pode garantir que esse anúncio não sofra processos de relativização, tão comuns nos tempos atuais. O significativo é que o ser humano livre, mediado pela fé, se abra às interpelações do querigma como princípio e fundamento da vida cristã. A proclamação do Evangelho por meio das redes sociais não pode se reduzir a curiosa cognição. É, antes de tudo, um caminho pedagógico para levar a pessoa a uma experiência mística de salvação. É preciso aprender a captar para discernir o sentido e a eficácia da mensagem compartilhada nas

comunidades virtuais. Nessa lógica, “é preciso aprender a deduzir e distinguir as perguntas religiosas verdadeiras das respostas que são continuamente dadas” (Bento XVI *apud* Spadaro, 2012, p.50).

A reflexão sobre a relação entre fé e cultura coloca as pessoas diante dos ditames e limites próprios dessas dimensões. O virtual-digital nem sempre dá conta de exprimir a veracidade da revelação divina. É o ser humano-religioso que, aberto à graça, deixa transparecer em sua espiritualidade o ser de Deus. Na eminência da verdade revelada, Deus é a pessoa que, ao identificar-se com o humano, diviniza-o humanizando. Neste sentido, “tudo que é humano é religioso e tudo que é religioso é humano” (Rahner, 1969, p.159). A espiritualidade cristã é, autenticamente, cristo-antropológica. Ao emanar do Verbo Divino e humano de Deus, não se perde a sua identidade humana, mas, é totalmente confirmada como tal. A cultura digital é, suficientemente, insuficiente para traduzir e expressar essa densidade teológica sobre a cultura do amor revelado, cujo coração humano vive em constante experiência de busca, como afirmou Agostinho: “Fizestes-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousar em ti” (Agostinho, 2004, p. 15).

No mundo digital, a busca pela experiência de Deus é fragmentada, o que dificulta uma visão e aspiração integral e totalizante. Sob essa ótica, o ser humano é conduzindo a entender-se como razão e sentido de si, sem a necessidade de alteridade. Os vínculos originados no cerne das comunidades virtuais-digitais são de natureza superficial, razão pela qual não se tem na atualidade uma reflexão aprofundada a respeito do tema da fé. A cultura digital supervaloriza *alter ego*, a satisfação das necessidades e desejos do indivíduo. É uma cultura marcada pela teologia cadavérica do espetáculo e do sensacionalismo. Portanto, nesse contexto a fé vivida não é, suficientemente, encarnada, o que dificulta o testemunho da singularidade do Evangelho. O Evangelho encarnado na história humana é a alma da fé, cujo movimento situa o ser humano no plano integral da salvação.

A mobilidade cultural evidencia a essência do ser humano, que é caracterizada pela busca do divino. Essa procura, originariamente, radica-se em Deus. A autocomunicação é a forma como Deus busca o ser humano na história, enquanto a fé, é o caminho no qual o ser humano descobre-se peregrino em direção a Deus. Crer no mistério de Deus é, substancialmente, perceber-se na *dynamis* da vida, que provoca comprometimento com a beleza querigmática do anúncio do Evangelho salvador.

Na abordagem teológica, a eclesialidade real é o lugar de fala e do testemunho da fé cristã. Essa, por sua vez, faz-se ecoar em todas as culturas possíveis, desde as mais remotas até

as atuais e em projeções. Assim, “o mistério da Igreja, por sua vez, não passa de prolongamento do mistério de Cristo” (Rahner, 1989, p. 255). Na relação humana e na tecnologia virtual-digital temos uma potência de Deus, que tudo move, sem ser movida. Há um Novo Eterno Advento sendo encontrado no êxodo humano das comunidades virtuais. Existe um ser humano livre, que a partir do encontro com a Verdade de Deus, busca dialogar com as singularidades culturais. Portanto, essas, aos seus modos, constituem um tecido hermenêutico de tradução atual da experiência humana da revelação divina. Nesse sentido, a conexão virtual dá lugar ao movimento da comunhão. Segundo Santaella:

A capacidade de acolher o dom da fé faz parte da constituição humana, pois é uma característica inegável e inerente ao ser humano, mesmo quando envolvido pelas tecnologias comunicacionais que criam uma situação sociocultural dita por alguns como era do pós-humano (Santaella, 2007, p. 70-71).

Paralelo ao surgimento da cultura digital, desenvolveu-se o paradigma de pós-humano, em que se constata uma acentuada crise de sentido, que afeta, profundamente, a capacidade de ter esperança e resiliência da pessoa humana. Isso obstrui de maneira catastrófica os processos de humanização e das relações de amizade sociais. Assim, pode-se afirmar que o ser humano, mesmo envolto às tecnologias, necessita de Deus e o procura. “O homem de fato não pode chegar com as próprias forças” (CIC n. 50). A busca do sentido, o exercício do diálogo, só é autenticamente possível mediado pela dimensão da fé. Ou seja, crer no mistério de Deus, significa transvazar o horizontal das redes, para alcançar o amor transcendente que ilumina o mistério da vida humana.

2.4 Considerações parciais

Na Era digital o diálogo entre teologia e cultura representa a vivacidade da fé cristã. Significa o início de um longo processo de conversão do pensar e fazer teologia à luz dos ensinamentos de Jesus - o primeiro a fazer comunicação e a dialogar com a realidade.

É específico da identidade cristã o chamado à conversão. O crescimento do diálogo supõe saída, encontro e desejo de transformação. No quarto Evangelho, Nicodemos reconhece Jesus como Mestre de transformação, alguém que sinaliza a presença real de Deus na história (cf. Jo 3,4ss). O testemunho de Jesus não pode ser reduzido aos eventuais milagres, pois o maior sinal da sua ação salvífica é a comunicação da vida plena (Jo 10,10). Na atualidade, a cultura do entretenimento traduz a opção humana pelo mais fácil. O Cristo é visto muitas vezes como um feitor de milagres e não como salvador.

Semelhante a qualquer conhecimento humano, o processo de maturação da experiência da fé é contínuo. O fundamento do seu desenvolvimento, enquanto ação refletida, radica-se na tradição apostólica, no Magistério da Igreja e nas Sagradas Escrituras (Palavra de Deus). O *locus* de crescimento e expressividade testemunhal da fé é a realidade em seu contexto histórico. Assim, cabe aos teólogos e à teologia a hermenêutica crítica da realidade, na qual a fé é vivenciada pelos fiéis. O caminho é de discernimento e de diálogo com as ciências constituídas (conhecimentos), com os possíveis saberes e, sobretudo, com a pluralidade de experiências e culturas humanas.

Nesse horizonte, abrir-se ao discernimento e ao diálogo significa reconhecer e acolher a *dynamis* divina (graça) e incorporá-la, misticamente, ao êxodo cotidiano do ser humano. De acordo com Comblin, “o Espírito Santo nos faz ver Jesus hoje na realidade de nosso mundo (Comblin, 1984, p.88). Historicamente, as necessárias mudanças são imbuídas de possibilidades e limites em termos de consciência e abrangência. A condição necessária para existir nas redes é manter a identidade no mundo *on-line* e naquele *off-line*, sem se sentir protegido por uma camada de anonimato e criando conexões com os outros. Para o Cristianismo isso é significativo. Basta lembrar que até a origem da palavra comunhão ou o ato de comungar, em italiano, significa comunicar-se e que sem essa conexão verdadeira, a comunicação é egoísmo espiritual. É inegável que esta é uma nova época, na qual o próprio conceito de mudança é questionado e sofre significativas hermenêuticas. Nesse cenário, pode-se dizer que o cristianismo prossegue em sua originalidade em diálogo com as questões atuais de grande relevância, sobretudo com a cultura digital.

O testemunho cristão da fé constitui para a eclesiologia e para a cultura, um novo *ad eterno* da presença real de Deus no mundo, cujos meios e modos, podem ajudar a conhecer. Segundo Comblin, “a fé é ver o que Deus está fazendo aqui e agora no meio de nós, como atualização do advento do seu reino, como aplicação atual de nossa libertação em movimento, como presença ativa” (Comblin, 1984, p.89). É exigência da reflexão teológica, em diálogo com a cultura, a identificação dos processos iniciados em termos de consciência das novas ambiências de transmissão e compartilhamentos da fé. Imersa no mundo das transformações experimenta as possibilidades e os limites próprios da cultura vigente, sem perder a sua essência histórica e aberta a transcendência. Em síntese, o dom da fé coloca as pessoas em relação de comunhão e participação nos processos de construção das civilizações. Transforma informações e conexões midiáticas em formações culturais sólidas, que podem contribuir com a ação

evangelizadora dos povos e com o exercício da fraternidade universal, proposta pelo magistério do Papa Francisco.

III - A MISTAGÓGICA EXPERIÊNCIA DO SENTIR E PENSAR DEUS NA ERA DIGITAL

Uma das questões mais importantes, na tentativa de fornecer uma abordagem teológica sistemática a respeito do sentir e pensar Deus no “novo mundo”, é a identificação da mistagogia como via de experiência da Revelação divina. De acordo com Pagola, “para o cristão, toda experiência de Deus depende e, de certo modo, deriva da experiência que Jesus teve de seu Pai como Abba” (Pagola, 2010, p.372). Jesus inaugura a cultura do encontro ao revelar-se em união com o Pai e o Espírito. Dessa experiência do Filho nasce o desejo do ser humano-cristão de permanecer na amizade de Deus, em comunhão com a comunidade humana dos discípulos e missionários.

Jesus é a Palavra de Deus encarnada, conduzida ao mundo pelo Espírito como dom de salvação para a humanidade. “O Logos cria a realidade humana à medida que a assume” (Rahner, 1989, p.270). Nesse sentido, a experiência humana de Deus passa pelo mistério da vida, morte e ressurreição de Cristo. Em Jesus, temos um mover-se de Deus em favor da criação e da humanidade, sem que perca a sua essência divina. A eventual revelação de Deus, na Pessoa do Filho, evidencia que o seu projeto e ação não é de estagnação, mas de profundo movimento salvífico. Conforme Miranda, “cristianismo é Espírito e vida, é superação, é fazer acontecer sempre, é peregrinação e abertura a novas experiências, sem, é claro, perder sua identidade” (Miranda, 2006, p.239).

O teólogo Karl Rahner assinala que “a experiência do Espírito ocorre de maneira fundamental na experiência humana comum do mundo” (Rahner, 1983, p.191). Isso significa que a vitalidade espiritual transcende as mediações religiosas, é algo que faz parte dos processos antropológicos da existência humana. O ser humano é por natureza habitado pelo Espírito, portanto, carrega em sua essência uma dimensão espiritual que o faz diferente das outras criaturas animadas. Para Rahner, a experiência do Espírito é de índole “transcendental, muito mais global, de abertura para o infinito, uma experiência que ocorre como contexto e pano de fundo para as nossas experiências cotidianas mais específicas” (Rahner, 1983, p. 191).

A condição de abertura para o mistério não se restringe ao aspecto psíquico-cognitivo, mas alcança, significativamente, a dimensão física, emocional e espiritual do ser humano. Na medida em que esse toma consciência de ser habitado pelo *Santo Pneuma*, livremente, permite-se a experiência de permanecer se descobrindo nesse mistério de amor, que no horizonte da fé pode ser, mistagógicamente, pensado e sentido na eficácia sacramental. Desse modo, o

dinamismo do Espírito impele a compreensão de que o amor a Deus passa pelo amor ao próximo (Jo 4, 20). Nesse contexto, a experiência é nominada como abertura ao mistério de Deus e ao mistério do outro.

No horizonte da mística cristã, o amor é chamado de caridade. Faz parte da gênese da vida cristã, amar ao modo de Jesus de Nazaré, que não quis ser servido em si mesmo, mas nos outros (Mt 20,28). Nisso consiste a novidade da revelação de Deus. Ele se faz próximo no próximo, sobretudo no pobre, doente, humilhado e explorado. Esses outros, em seus silêncios, fazem eco do grande Silêncio, da Palavra situada, que chama a uma renovada experiência do amor, há uma vida no Espírito (Jo, 13,34). Assim, a mística do sentir e pensar Deus, coloca-se diante da exigência profética, do comprometimento com o Evangelho libertador (Jo 8,32).

Na atualidade, mas do que nunca, o cristão é chamado a ser um místico do Evangelho. Um peregrino da justiça e da paz. Um defensor da Tradição e da fidelidade ao sentir da Igreja. Alguém disponível a escutar Deus, capaz de perceber a sua intervenção na história, por meio da leitura e da contemplação dos sinais dos tempos. Segundo Rahner, “o homem é por toda a eternidade o mistério expresso de Deus, aquele que por toda a eternidade participa do mistério do seu fundamento” (Rahner, 1989, p. 269). Assim, fazer a experiência do mistério de Deus não significa ser indiferente à realidade do mundo, mas em comprometer-se com a transformação desse, em Reino de Deus. Nessa perspectiva, diz Silva:

A internet possibilitou que pessoas em diferentes situações possam ser sinais da graça de Deus através de uma vida de testemunho digital, seja por meio de pequenos gestos concretos divulgados em fotos ou vídeos, seja através de opiniões e informações compartilhadas que ajudam outras pessoas a repensarem suas atitudes (Silva, 2021, p. 136).

As tantas experiências possíveis do revelar-se de Deus no âmbito digital, não são empecilhos para a vivência crista da fé, mas corroboram para a unidade na diversidade, enriquecendo as iniciativas de comunhão e missão. A cultura digital não pode ser vista como inimiga da espiritualidade humano-cristã, pois constitui-se no âmbito da existência como fruto da inteligência humana, que participa da sabedoria do seu Criador. A beleza da sua culturalidade universal emana da escuta do Espírito. O virtual-digital pode ser identificado em sua origem como uma expressiva tentativa do ser humano evidenciar, por meio da imagem, do visual, da beleza e da profundidade da sua essência criada e salva por Deus. De acordo com Miranda, “a ação do Espírito em nós nunca deve ser buscada por si mesma; ela nos impele para fora de nós mesmos em direção ao outro” (Miranda, 2004, p.185).

A mistagógica experiência do sentir e pensar Deus na Era Digital é um exercício teológico atualizado de salvaguarda da vitalidade espiritual do Cristianismo inserido no “novo

mundo”. Implica-se na necessidade de um encontro pessoal com Jesus Cristo, luz dos povos. Rahner diz: “O cristão do futuro, ou será místico ou não será cristão” (Rahner, 1967, p. 65). Isso significa que a experiência pessoal e comunitária do Espírito é essencialmente de natureza mística. “A Igreja enquanto sacramento de salvação” (LG n. 1), comunidade dos discípulos e missionários de Jesus Cristo é a primeira a experimentar a beleza da santidade do Espírito. Logo, torna-se anunciadora por excelência da impactante verdade do Evangelho.

A mudança de época é caracteristicamente de espessura ‘hipercomplexa’. Nesse horizonte de luzes e trevas, o humano-cristão é provocado a reencontrar-se com o chamado a vida nas ambiências do mundo. O empobrecimento, a crise existencial e de sentido do ser humano, a crise de esperança e as questões cosmo-planetárias desafiam a reflexão teológica da atualidade. Nesse sentido, as redes- sociais podem ser vistas como lugares teológicos, nos quais se pode perguntar por Deus e, ao mesmo, obter Dele respostas. São espaços propícios à experiência de transcender e do transcendente e, ao mesmo tempo, lugares de diálogos não intelectualizados, mas, testemunhado e místico, entre a teologia e a cultura. Com isso, pensa-se em uma teologia testemunhal do encontro.

3.1. Experiência de Deus: uma abordagem teológica

Preliminarmente, pode-se dizer que o ser humano, criado a imagem e semelhança de Deus, possui uma natureza espiritual, isto é, move-se e é movido por uma espiritualidade. A espiritualidade representa o mover-se existencial do ser humano em direção do outro, para o encontro com a Trindade. Esse, conduzido pelo Espírito do Senhor descobre-se em relação amorosa com o Criador e com a Criação, cuja elevação é, salvificamente, concretizada no Logos- Filho, morto e ressuscitado. Assim, compreende-se a mística do sentir e pensar em Deus na perspectiva do dom. Nesse sentido, experiência de Deus é dom que se acolhe e vive pessoal e comunitariamente na fé. O ser humano buscado e buscador do Advento Divino é abertura exodal para o encontro com aquele que se deixa experimentar em seu advento.

A dimensão humana-cristã da fé é iluminadora e tradutora da experiência divina. Deus infinito, ao revelar-se no finito da humanidade, oferece ao ser humano a possibilidade de sentir o gosto, o sabor e o suave odor da sua vida eterna. O mistério da encarnação, morte e ressurreição de Jesus é via de acesso do ser humano à vida divina, enquanto a realidade humana caracteristicamente marcada pela contingência é porta de entrada de Deus na história. Bruno Forte (1991), entende esse processo como encontro místico entre a liberdade Divina e humana.

Mistagógicamente advento e êxodo, configuram o peregrinar humano, a *práxis* do sentir e pensar Deus no cotidiano, que move o esperar e o sentido do encontro escatológico com o mistério trinitário de Deus, manifesto no Silêncio e na Palavra. Segundo Forte:

No evento trinitário do amor, narrado no evento pascal, início e fim, protologia e escatologia se entrelaçam: a Trindade é a origem e a Pátria, o primeiro e o último (...). Tudo o que veio do Pai pelo Filho no Espírito, na unidade e na liberdade do mesmo Espírito, através da acolhida do Filho, retornará ao Pai (Forte, 1987, p.200; 202).

O movimento exodal humano encontra a sua razão e sentido de ser na *Missio Dei*. A experiência da fé é manifestação das Três Pessoas, que animadas estão sempre a recriar em sentido o mundo. O experienciar pessoal e comunitário da fé é repercussão da ação salvífica de Deus. O ser humano, pela fé, demonstra pelo seu testemunho o DNA do mistério de Deus, tornando-se no Filho, pela graça do Espírito, sinal de salvação a serviço do Reino. Em Jesus de Nazaré, o ungido do Pai, ‘kenoticamente’ encarnado na história humana, morto e ressuscitado, há o protótipo testemunhal de uma pericorese do amor gratuito e desinteressado. A encarnação do Verbo eterno é concretização do desejo de Deus, de estabelecer uma relação de proximidade, de amizade com o ser humano. Portanto, a eminência emancipatória da entrada de Deus na vida humana é condição *sine qua non* para que este faça em sua vida a experiência do Deus oferta. Segundo Schillebeeckx, “toda experiência de revelação implica conversão: renovação de vida; nova orientação (Schillebeeckx, 1994, p. 42). Assim, a Revelação de Deus na Pessoa do Filho, constitui o eixo basilar de uma experiência cristológica da fé.

O êxodo humano encontra o seu verdadeiro sentido na experiência *kenótica*, no despojamento, cujo movimento direciona a existência humana para o encontro com o mistério da salvação. A mistagógica experiência da Revelação de Deus, no Verbo Eterno, é de caráter, eminentemente, *kenótico*, pois a cultura cristã do encontro é marcada pela necessidade da conversão, do esvaziamento de si mesmo, em vista do Outro (Advento eterno). O revelar-se de Deus fundamenta e move o peregrinar e a relação do ser humano com o cosmo. Impulsiona e dinamiza a vivência da fé no mistério de Deus. Nesse escopo, a Revelação é uma iniciativa amorosa de Deus, endereçada à vida, em virtude da elevação da criação e da salvação da humanidade. O Eterno, que é advento de amor, abre caminho, inspira o desejo e faz-se em sua promessa realidade sensível, passível de experiência. Cristo é o princípio da graça, mediador da experiência humana de Deus.

Na dinâmica histórico-salvífica, a experiência do mistério de Deus é mediada pela fé, que se dá na esfera pessoal e é de caráter transformador, que implica necessariamente numa

dimensão eclesial. Assim, verte o cognitivo-sistemático, as formulações lógicas e os modos conectivos de transmissão. De acordo com Forte, “a Trindade é caminho de realização humana, de relação que transcende, mas que se realiza na humanidade, no encontro da alteridade” (Forte, 1987, p.200; 202). Deus, através do Filho na ação do Seu Espírito é comunicador por excelência. Dessa forma, o ser humano habitado pelo mistério da vida de Deus é conduzido a uma relação ética, a mística transformadora da fé. A Trindade é fonte de sentido do peregrinar humano-cristão no mundo. No mistério do Outro (Pai) encontra-se a Origem, o Silêncio e a nascente do amor criador; na Pessoa do Filho está a Palavra, a mística por excelência do êxodo, a *kénosis* oferente na cruz, a consumação plena da revelação do Amor salvífico. Há uma Palavra do Silêncio, na qual dar-se a Nova e Eterna Aliança, a filiação divina do homem histórico, o Cristo da fé.

Na hermenêutica fortiniana, o *Pneuma* (Espírito) é apresentado como o encontro entre o Amado (o Pai) e o Amante (o Filho). Assim, “a fé é o mistério do encontro operado pelo Espírito entre o Pai e o Filho no coração do homem que aceitou o Verbo e se deixou configurar a ele no humilde e perseverante ser gerado e proferido pelo Silêncio” (Forte, 1995, p.238). Portanto, o Espírito em união com o Pai e o Filho suscita no intelecto e na vontade humana o desejo do mistério de Deus. O Espírito é o protagonista do esclarecimento contínuo da Revelação de Deus na história. É na dinâmica do Espírito do Senhor, que o ser humano realiza no tempo, a mística do encontro consigo mesmo, com o outro, com a criação e com o Deus da fé bíblico cristã. O Deus revelado é reconhecido como solidário, trino e comunitário. Na iluminação do Espírito torna-se possível ao ser humano identificar o *locus* e o endereçamento da Revelação. Portanto:

O Espírito produz o encontro da pessoa humana com a sua própria Pessoa divina: o homem mesmo se torna encontro, mistério de aliança entre o céu e a terra, edificado sobre o fundamento transcendente da paz e do êxtase que é o Encontro divino personificado entre a Palavra e o Silêncio, a nós revelado no tempo como o mistério do Consolador (Forte, 1995, p.238).

À priori, pode-se dizer que a fé acompanha o evoluir da história. É pensada e vivenciada em um *locus* real. A experiência de Deus é feita na família, no grupo eclesial e nos quais se vivencia a eclesialidade e o compartilhamento da vida de fé. Atualmente, com a expansão de horizontes, descobertas de novos mundos e de experiências múltiplas comunicacionais identificam-se outros vértices que a cultura digital apresenta. Zygmunt Bauman (2004) chama esse tempo de Era Líquida, referindo-se à fluidez com que se passa de um amor a outro, de um emprego a outro, de uma fé a outra, revelando uma profunda fragilidade na adesão a relações autênticas, verdades sólidas e laços eternos. Nesse escopo, a mística da fé é entendida como a

capacidade de discernir os sinais dos novos tempos, de perceber os limites e o alcance das hodiernas experiências da Revelação em diálogo com os novos paradigmas culturais, muitas vezes provisórios e descartáveis. Sobre esse tema, o Papa Francisco vai dizer: “Refiro-me, por exemplo, à rapidez com que as pessoas passam de uma relação afetiva para outra. Creem que o amor, como acontece nas redes sociais, se possa conectar ou desconectar ao gosto do consumidor e inclusive bloquear rapidamente” (AL, n. 39).

É inegável o papel que os grupos tradicionais exercem no despertar de valores. Todavia, na mudança de época o ser humano é seduzido e empurrado a outras configuráveis experiências. Buscam por meio das atualizadas e complexas tecnologias as possibilidades de reconhecimento e aprofundamento pessoal. No atual contexto, o ser humano é lançado no mundo das virtualidades-digitais. Assim, é inconcebível pensar a vida, a existência e a própria experiência humano-cristã da fé *ad extra* redes sociais (comunidades virtuais). Segundo Silva, “o risco desse tipo de comportamento e cultura é nos desumanizarmos, acabarmos pensando que tudo é objeto e mercadoria” (Silva, 2021, p.29). Um problema para a reflexão antropológico-teológica a respeito da relação “Deus-homem e homem-Deus”. Uma vez que a experiência humano-cristã de Deus requer uma comunidade real de pessoa física na qual se pode encontrar o Outro no outro, que antecede a cultura da virtualidade.

A abordagem sobre a experiência do mistério trinitário de Deus nos tempos de rede é marcada pela memória-histórica e antropológica, cujo desenvolvimento se dá no cerne da cultura moderna. Nela, o ser humano é sujeito e atribuidor primeiro de sentido à história, capaz de configurar as suas decisões e orientar o seu próprio peregrinar (êxodo) no mundo. Bruno Forte pensa a Trindade em relação à história e ao mundo. A teologia da fé cristã recebe influência da evolução do pensamento humano, sem limitar-se a uma atividade, puramente, cognitiva-cultural.

A Era Digital representa uma evolução no modo de pensar, ver e entender a realidade em desdobramento. Em que o universo cultural e os avanços tecnológicos alcançam sentidos e explicações diversas, o que possibilita um mundo sem fronteiras no qual tudo é, velozmente, mutável. De acordo com Neutzling, “vivemos num mundo impensado, mas não impensável, pois o ritmo de mudanças é tamanho, que a inteligência humana com seus diversos saberes não está conseguindo acompanhar e refletir sobre todos os acontecimentos (Neutzling *apud* Silva, 2021, p.30). Nesse ambiente teologia e história coabitam, na tentativa de apresentar uma hermenêutica que seja capaz de fazer entender a Revelação divina em diálogo com o mundo da cultura. “Precisamos aceitar que o mundo está se modificando cada vez mais e que devemos

acompanhar essa dinâmica com olhar crítico e coração aberto. Ver no novo não só a mão do ser humano, mas a mão de Deus que conduz a criatividade humana” (Silva, 2021, p.30). Portanto, o casamento da história com a reflexão teológica possibilita um novo olhar sobre temas não conhecidos e outros poucos explorados, no âmbito da experiência do Sagrado.

O contexto histórico existencial hodierno, identificado como Era Digital, é reconhecido como *locus* de possibilidades experienciais. Ele atravessa pela fase do hiper, na qual se tem o movimento incisivo das novas tecnologias com suas complexas informações. Nessa fase epocal, “o progresso tecnológico é cultuado e possui lugar de destaque na sociedade” (Silva, 2021, p.32). O ser humano, habitante e habitado pela cultura da “hipercomplexibilidade” é obrigado a caminhar na mesma velocidade da evolução tecnológica. O ser tecnologizado em seu modo de pensar, sentir e agir crendo é, totalmente, incorporado ao sentido lógico virtual. Assim, as novas tecnologias de comunicação e os novos veículos midiáticos sociais ocupam o centro da vida das pessoas, influenciam de maneira direta na espiritualidade, apresentam configuráveis formas de agir em relação consigo e com o Outro e, sobretudo, com a comunidade virtual.

3.2. Experiência e discernimento na cultura internética

Preliminarmente, pode-se dizer que a experiência cristã de Deus é de espessura exodal. É na mística do caminho que o ser humano-cristão é encontrado e encontra-se com a beleza do mistério de Deus (At 9,3Ss). O jeito do humano fazer esta busca é significado no modo da Revelação. É, fundamentalmente, nessa *dynamis* que se dá o discernimento, como dom do Doador às pessoas. O discernimento enquanto dom é companhia da espiritualidade cristã, cuja tradução é expressa pelo ato de fé, como mencionado desde as cartas do Apostolo Paulo (cf 1Cor 12). Esse discernimento consiste na iluminação do Espírito, cuja missão é infundir na natureza humana a clareza do desejo de Deus. Ele desperta no ser humano a consciência do sentido de Deus. A humanidade movida pelo Espírito é interpelada a agir com Deus no mundo. Em 1Cor 2,13, Paulo afirma: “desses dons não falamos segundo a linguagem ensinada pela sabedoria humana, mas segundo aquela que o Espírito ensina”, exprimindo realidades espirituais em termos espirituais. O discernir é substancial no exercício das decisões sábias ressalva o livro dos Provérbios (cf. Pr 13,16).

Pensar a arte de discernir na Era Digital é, de algum modo, elucidar o tema da mística cristã, como princípio de iluminação e purificação das experiências efetivadas nos cernes das comunidades virtuais. A ausência desta na vida formativa do cristão virtual remete, antes de se

tentar compreendê-la, a uma crise do ser humano, o qual, distante da experiência do discernimento, não acessa uma ferramenta valiosa para o crescimento e vivência da fé. Em meio às velozes mudanças causadas pela evolução tecnológica, o discernimento é um modo peculiar de se descobrir na história humana as marcas da Revelação de Deus. No exercício mistagógico do discernimento é possível identificar um movimento de encontro entre a história do mundo e a história da salvação. Na história da revelação radica-se o sentido da experiência libertadora e salvífica de Deus. A experiência sinaliza o nascimento do ser humano na fé em Cristo.

Com a era digital, o movimento instantâneo de liquidez ganha vulto. As relações humanas são desterritorializadas, transversais e livres. Segundo Lévy, “as comunidades virtuais são os motores, os atores, a vida diversa e surpreendente do universal por contato” (Lévy, 2000, p.130). Isso significa que na atualidade, o modo de pensar, sentir e agir do ser humano são compendiados pela lógica do virtual. A cultura da virtualidade projeta o ser humano no mundo, sem que haja a necessidade de sair de casa. As novas tecnologias, além de antropomorfizar o entendimento de Deus, possibilita novas formas de dialogar com Ele. As redes sociodigitais constituem um contexto à disposição da teologia e da mística experiência discernida de Deus. “O digital, portanto, não apenas faz parte das culturas existentes, mas está se estabelecendo como uma nova cultura, modificando primeiramente a linguagem, moldando a mentalidade e reformulando as hierarquias dos valores” (Diretório da Catequese n. 359 apud Silva).

A liberdade de discernir é condição fundamental para a percepção esclarecida do Advento Eterno no êxodo humano (história). A Revelação não pode ser confundida com qualquer realidade ou objeto. Nesse sentido, o discernimento liberta o ser humano das fantasias, auxilia na leitura do agir divino e insere-o na consciência da verdade de Deus. O que o Espírito faz na pessoa que encontra o Cristo é o Cristo agindo na pessoa. A ação de Deus acontece na ação da humanidade do crente e não no meio em si. O movimento em direção do outro é movido pelo encontro com a pessoa de Jesus. Assim, a tecnologia é importante, enquanto suporte comunicativo da interpelação do Evangelho, instigação para o ser humano chegar à experiência da plenitude da vida, cuja fonte é Jesus, Deus humanizado. Tanto a experiência como o discernimento encontram o seu sentido maior de ser na teologia e na fé. Com isso, a fé é uma disposição interior de entrega total a Deus, de quem provém a salvação de toda a criação.

Teologicamente, o desdobramento da salvação enquanto ação divina dá-se na história. Assim, a Era Digital faz parte do contexto atual, no qual a experiência da Revelação salvífica de Deus é possível. No que tange ao tema da salvação, há no ambiente da internet uma ampliada oferta que carece ser discernida em seu conteúdo e sentido. A fonte emanadora da salvação é a

Pessoa do Filho, cuja vida e obra redime a pessoa humana do seu estado de corrupção, religando-o ao estado da graça. Em meio a uma imposição universal que tolhe a liberdade humana e esvazia o sentido da vida cristã, urge a necessidade de uma mística do discernimento capaz de esclarecer o que de fato é elemento de salvação na internet. Na Era Digital, a experiência humana da fé desenvolve-se no âmbito da conectividade interativa espiritual. Todavia, “para o cristão, a fé é evidenciada pela tomada de consciência de que a história está marcada pela certeza da presença de Deus que faz história com seu povo” (Forte, 1987, p. 204).

Diante da hodierna abordagem que relativiza a experiência da Revelação de Deus, o sentido da fé cristã encontra-se no reconhecimento e aceitação do mistério revelado e dos aspectos da mundaneidade presente nas culturas. Tal reconhecimento é via de iluminação e entendimento do modo de agir de Deus em relação ao agir do ser humano. Neste aspecto, o discernimento viabiliza o respeito ao Advento Divino e a dignidade do outro em seu êxodo, fomenta uma íntima união (amizade) com o mistério de amor de Deus. Faz parte da mística cristã a alegre confissão de fé na Trindade divina. As três pessoas da Trindade atuam na história de forma que ela também se torna ambiente de salvação, contexto de vida pneumatológica. Enfim, o discernimento da experiência é, autenticamente, de natureza pascal, que direciona e insere as pessoas na própria vida de Deus, manifesta na missão de Jesus (Verbo encarnado) e, continuamente, atualizada em termos de hermenêutica na ação do Espírito do Senhor.

As plataformas digitais oferecerem mais do que o plural da informação e podem auxiliar o crente a perceber os sinais de Deus nos tempos. A pedagogia é de formação para a experiência do encontro com a presença do mistério autocomunicado, que se revela e ao mesmo tempo se vela enquanto transcendência de amor no contínuo do êxodo humano. De fato, com o advento da internet surge um novo paradigma cultural, uma nova forma de interpretar a existência, que coloca em questão o sentido original da vida.

O diálogo entre teologia e cultura é cerne de discernimento da ação do Espírito que continua esclarecendo a história dos ensinamentos de Jesus para o mundo atual, a partir da ação *kenótica* do *Logos* de encarna-se no mundo real para exercer a salvação sobre todos. Segundo Sobrino, “se o *Logos* não tivesse se encarnado dessa forma não seria salvador universal” (Sobrino, 2000, p.299). Isso implica dizer, que as tecnologias do mundo virtual-digital constituem um modo atual de compreender e optar pela vivência da fé na Revelação. O contexto é desafiador e provocativo para a teologia cristã, sobretudo quando se pensa na possibilidade de uma linguagem eclesiológica interculturalizada, que seja capaz de dialogar com as grandes e incógnitas questões da humanidade. A espiritualidade cristã entende que o discernimento é a

via, na qual é possível experienciar o seguimento da vontade de Deus, que na ação *kenótica* do *Logos*, acolhe e permite-se acolher pela cultura do ser humano.

A Revelação de Deus suscita a reflexão teológica sobre a dimensão humana da fé. Ao revelar-se no tempo e na cultura, Ele oferece-se em seu mistério como verdade encarnada a ser conhecida, amada e crida. Uma vez encarnado, o *Logos* divino encontra-se e faz a experiência humana, dá a conhecer o mistério trino e uno de Deus, que se faz missão no mundo. O mistério oculto de Deus entra na vida humana, faz-se história em Jesus Cristo e torna-se acessível a linguagem humana. Neste sentido, o que caracteriza a experiência hodierna da revelação de Deus na Era Digital é a inculturação da linguagem Divina com a linguagem humana. Na mística cristã está contida a verdade de Deus que se revela e, ao mesmo tempo, se oculta em seu mistério, a fim de que a pessoa humana deseje permanecer em vontade e liberdade na experiência encarnada Dele.

A experiência humana é, elementarmente, de caráter fundamental quando se trata da Revelação de Deus na história. O dar-se de Deus ao conhecimento humano é em si mesmo digno de fé. Assim, é o discernimento que abre os horizontes da percepção da vontade salvífica do Pai, que se realiza na Pessoa do Filho, pela ação do Espírito Santo. Pensando assim, discernir significa disponibilizar-se em vontade de fé e razão a contemplação do mistério de Deus que em Cristo, Palavra eterna, tornou-se visível e acessível ao gênero humano. Na revelação cristã a iniciativa primeira é do próprio Deus, Ele mesmo vem ao encontro da criação e apresenta-se como Caminho, Verdade e Vida, sem perder a sua essência eterna presente na cultura do tempo.

Na atualidade, há novos meios e modos de experienciar a mística do falar e escutar Deus. Nesse contexto, o universal digital rege o movimento da busca de sentido da vida no mundo e constitui-se como uma provocação à espiritualidade cristã. Assim, “crer em Deus é movimento, entrega de si, êxodo, coração, crer no que se revela é profissão de fé, acolhimento expresso e reflexo do mundo que vem do alto nas obras e nos dias dos homens” (Forte, 1991 p.55). Logo, no Verbo de Deus encontra-se a referência e o testemunho da vida no Espírito. Isso significa que a humanidade orientada por esse princípio se encontra em uma contínua tensão entre o já e ainda não do Advento eterno. A verdade é que, uma vez encontrado por Deus e descoberto em Deus, o crente é chamado a permanecer em constante estado de êxodo.

O conteúdo da experiência da fé, dado na revelação, é de natureza provocativa em sua essência. A experiência do Deus da fé cristã define-se pela mística da relação entre advento e êxodo. É no peregrinar humano que se desenvolve a compreensão e mística da revelação, na qual o cristão professa a fé como resposta. A vida e obra de Cristo é autocomunicação de uma

Boa-Nova que se transforma salvando a criação. Nele, temos uma mediação que confere nas buscas humanas o sentido vital da fé. O ato revelador de Deus é, autenticamente, dialógico e respeitoso, salvaguarda-se, expressivamente, na correspondência com o êxodo humano.

A mística da fé não consiste em aderir a uma ideia, mas em crer em uma Pessoa. De acordo com Forte, “a fé exige um renunciar a habitar-mos em nós mesmos em ciumenta posse, para que o Outro nos habite, entregando-lhe totalmente a nossa existência” (Forte, 1991, p. 56). Portanto, o ser humano é, espiritualmente, vocacionado ao discernimento, frente aos conteúdos produzidos e compartilhados nas plataformas digitais, como verdades de fé. A cultura da internet é produtora de relações profundas e, ao mesmo tempo, superficiais em sua *práxis* e assimilação, o que requer a mística do discernimento, como termômetro de formação para uma bela e obediente participação na comunhão divina.

O discernimento é uma expressão da habitação do Espírito no ser humano e da permanência desse no Espírito. É originado no exercício do abandono, na escuta da vontade de Deus, e desenvolve-se na experiência do saber escolher o bem maior, do mistério que se revela em Jesus Cristo, plenitude e mediador por excelência da revelação. Nesse contexto, evidencia-se a encarnação subversiva da revelação, na qual, as expectativas humanas de messianismo são frustradas, pois Deus se revela servo da humanidade. A atividade de Jesus é indicativa de uma transformação da história, que corresponde a uma comunicação de Deus com as pessoas. Assim, o discernimento auxilia na identificação da identidade de Jesus, que se dá na relação tempo cronológico ao tempo da revelação.

A construção do discernimento é proporcionada pelo vigor do Espírito. A sua pertinência consiste em mover o ser humano para o advento de Deus na realidade. Funciona como uma vacina que imuniza das fantasias e das suas consequências. No discernimento encontra-se a consciência de que os sinais dos tempos são demonstrações das interpelações de Deus, que chama a fazer nova todas as coisas (Ap 21, 5). Aprender-se-á a discernir quando Deus se revela caminhando nos passos da humanidade, levando-a a progredir na experiência de Deus.

Na Era Digital, a abordagem sobre o discernimento radica-se no discernimento de Jesus Cristo: a Páscoa. A Páscoa revela o ato decisivo de Deus para salvar a humanidade. Nessa decisão, a humanidade é recriada e reconciliada para um dinamismo de saída, em vista de encontrar os outros na experiência de refundação (atualização) do Evangelho. A mística pascal insere as pessoas no coração da Trindade. Liberta-as para a experiência do dom da salvação na participação. Segundo Forte, “a Trindade, história trinitária de Deus revelada na Páscoa, é história de salvação, história nossa” (Forte, 1987, p.236).

O evento pascal sinaliza na história a consumação plena da revelação. Constitui a chave de leitura do sim de Deus proferido sobre o Filho e Dele sobre a humanidade. Assim, ao Pai é atribuída a iniciativa de ressuscitar o Filho e torná-lo conhecido e reconhecido pelo ser humano como o Cristo da fé, isto é, o ungido por excelência. O ato da ressurreição de Cristo de modo algum contradiz à iniciativa do Pai, pelo contrário, evidencia a existência e participação dos Divinos três; Pai, Filho e Espírito Santo na obra da redenção do gênero humano. Cristo de fato ressuscitou (Mc 16,6). Sua Páscoa é a confirmação de que o advento divino derrota as relações de poder, da lei e do pecado. Com a ressurreição de Jesus o êxodo humano é recriado para a liberdade, da graça e do amor. O Crucificado -Ressuscitado é o sujeito por excelência da história da salvação. Ele, o Senhor, elevado em sua glória, realiza, de uma vez por todas, a plenitude dos tempos, inaugura pela sua morte e ressurreição uma humanidade nova (1Cor 15,20-28). É na mística pascal que o mistério trinitário de Deus faz história.

Na abordagem cristológica fortiniana a ressurreição de Jesus Cristo é, sistematicamente, apresentada como hermenêutica de toda a História. O Ressuscitado é o vivente, presente entre todos; o Senhor do tempo, da hodierna história, aberta ao sentido escatológico; é a concretização plena da profecia do Reino de Deus, o revelador por excelência da trindade na história. Portanto, “a cristologia é trinitária, no sentido de que em Jesus Cristo revela-se o Deus cristão como o Deus vivo no Amor, capaz de dar força e esperança à *práxis* cristã e à existência humana” (Forte, 1987, p.22). Com isso, salvaguarda-se uma cristologia trinitária que anima o ser humano-cristão a uma *práxis exodal* de libertação.

A teologia da Trindade como história “resgata toda a reflexão trinitária do evento pascal e a interrelação dos três” (Forte, 1987, p.32). O advento dos Divinos três envolve-se, salvificamente, com o dinâmico êxodo da vida humana. Nesse sentido, a Páscoa da ressurreição é o cerne hermenêutico-explicativo do comprometimento da Trindade com o êxodo humano. Significativo acontecimento é o Evangelho salvífico para a criação da humanidade, seja no contexto digital ou não. Teologicamente, a Páscoa pode ser definida como *epifania* do mistério da salvação de Deus na História humana da criação. De acordo com Zilles, “o mistério nos envolve a nós mesmos, pois está fora e dentro de nós, não podendo ser objetivado” (Zilles, 2020, p.102). A mística pascal nos dá a conhecer a escolha de Jesus diante de uma história humana marcada pela desobediência a Deus. Bruno Forte vai afirmar que:

O Nazareno diz não às sugestões do seu tempo: ele não busca o consenso fácil, não satisfaz as expectativas dos homens, mas as subverte. Jesus escolhe o Pai: com um ato de soberania liberdade prefere a obediência a Deus e a abnegação de si, à obediência a si que implicaria na negação de Deus. (Forte, 1987, p.249)

Na atualidade, o ato de discernir em relação a experiência da Revelação cristã e o diálogo entre teologia e cultura é parte integrante no peregrinar humano. O cristão, diante do novo que vai se configurando, frente ao mistério da vida, que se entrelaça com o mistério de Deus, é chamado a uma decisão atitudinal de fé, a ser uma tradução viva de uma linguagem estrangeira (Evangelho) para uma outra linguagem estrangeira (humanidade). Na Era Digital os conteúdos passam por dentro das conexões. Isso significa dizer que as novas tecnologias introduzem na sociedade contemporânea, não apenas novas redes, mas novos contextos simbólicos, sensibilidades e relações. Nesse sentido, a espiritualidade cristã precisa atualizar e atualizar-se na perspectiva de uma mística encarnada, isto é, que esteja atenta aos sinais dos tempos. Nessa perspectiva, o teólogo José Tolentino, vai afirmar que “as ações de Jesus devem ser lidas em chave teológica, mesmo aquelas que parecem apenas subsidiárias nas narrativas evangélicas, como entrar e sair, abeirar-se ou distanciar-se, levantar-se ou sentar-se” (Mendonça, 2018, p. 16).

3.3. Atualização e relação como epifania de uma teologia da cultura: vias de anúncio e diálogo na “Era Digital”

Para definir a palavra “atualização” poderia se dizer que “é ato ou efeito de atualizar-se, é estar a par do que acontece no presente” (Buarque, 1986, p. 198). O tema em questão implica numa consciência dos princípios que regem a comunidade humana que, com suas várias faces, exige uma pedagógica atualização. Fundada na Tradição, Magistério e Sagradas Escrituras é significativo prosseguir no êxodo. Na atualidade, esse peregrinar humano dá-se também no contexto virtual-digital. Tal realidade é contemplada no Documento de Aparecida, ao pensar sobre o perfil do ‘novo sujeito’ (internauta), que surge na contemporaneidade. O documento vai constatar a necessidade de formar discípulos e missionários que conheçam e valorizem a “nova cultura” da comunicação (DAp, n. 484-490).

As diretrizes propostas pela CNBB para a ação evangelizadora na Igreja do Brasil encontram respaldos fundacionais na abordagem do papa Bento XVI, que chama atenção para a “necessidade de evangelizar na Era Digital e desenvolver uma cultura da esperança criativa e ativa, na fidelidade a um Deus que é sumamente esperança” (CNBB, 1995, p. 25ss). Portanto, a atualização constitui um mecanismo de aprofundamento da *práxis* interativa, na qual as relações interculturais de comunicação são dialogais e reveladoras daquele que é o princípio e o sentido do êxodo humano: Deus. Nesse sentido o papa Bento XVI, vai afirmar:

É importante considerar não só a sua indubitável capacidade das tecnologias de favorecer o contato entre as pessoas, mas também a qualidade dos conteúdos que aqueles são chamados a pôr em circulação. Desejo encorajar todas as pessoas de boa vontade, ativas no mundo emergente da comunicação digital, a que se empenhem na promoção de uma cultura do respeito, do diálogo, da amizade (Bento XVI, 2009).

Pode-se dizer que a Era Digital constitui um ‘contexto novo’ caracterizado por relações intensas e sem fronteiras. Nesse, urge cada vez mais a necessidade de se revelar através do testemunho o ‘rosto divino e humano de Deus’, nas plataformas da comunicação. O ser humano de fé é identificado nesse ambiente como presença atualizadora da mensagem revelada de Deus: o Evangelho. Segundo José Tolentino Mendonça “o crente é um mendigo da misericórdia” (Mendonça, 2018, p.52). Portanto, é exigência da atualidade que o crente seja transparência da mensagem evangélica no mundo digital. Referida exigência pode ser atendida a medida em que a pessoa se dispõe, livremente, a iniciar processos de conversão, cujo desenvolvimento passa pela capacidade de escuta da Palavra, da atenção aos sinais dos tempos e da abertura para o diálogo com a cultura. A experiência evangélica é a bússola: ela volta as pessoas para Deus e direciona-as para o encontro com o Outro, com a Alteridade. Nesse movimento místico de retorno e saída acontece o que, pastoralmente, é chamado de evangelização.

A evangelização, enquanto *práxis* pastoral da Igreja, é, misticamente, inspirada pelo Espírito de Cristo. Segundo Mendonça, “a Igreja é um laboratório do Espírito” (Mendonça, 2018, p.49). Desse modo, entende-se que o anúncio da Boa Nova vai além de uma simples inclinação e motivação pessoal ou de um plano pastoral que visa alcançar um determinado número de fiéis. Ao contrário, a missão evangelizadora faz parte da gênese espiritual da Igreja, que, conduzida pelo Espírito, percorre as sendas da vida humana. Sendo assim, é necessário perceber em Jesus Cristo o modo como Deus age em favor do ser humano, produzindo um estilo de vida que o transforma e o move na existência para uma ação cristã que seja capaz de despertar na humanidade a fraternidade universal, cujas raízes fincam-se no Evangelho.

Quanto ao termo atualização na reflexão teológica, ele pode ser atribuído à missão do Espírito, que desperta na natureza humana o desejo do conhecimento, da experiência do novo, enquanto compreensão da plena revelação de Deus. Nesse sentido, atualizar-se é mais do que uma teoria erudita, significa abrir-se à sabedoria do Espírito, dispor-se em vontade e razão ao dado do mistério eterno de Deus. Esse, é em si mesmo atualizado, está acontecendo na história, cabe ao ser humano experienciar o eterno novo do mistério e entusiasmar-se pelo testemunho deste no mundo das comunicações. Como afirma o Papa Francisco:

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se

tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação (EG, 27).

Atualização é a relação no escopo teológico, compreendida como princípios hermenêuticos do dar-se a conhecer da Trindade na história. A Trindade faz sua história de salvação na história no êxodo humano. Isso demonstra como a ação do Espírito é atualizadora da compreensão da vida e missão de Jesus Cristo. O Espírito é o hermeneuta-exegeta da obra do Verbo de Deus encarnado, morto e ressuscitado. Assim, pode-se dizer que toda a vida de Jesus está acompanhada da presença do Espírito Santo. Logo, a experiência de Jesus só é possível graças à mediação do Espírito. Nele, compreende-se que o Cristo é totalmente humano e divino, vence-se uma tendência teológica de redução da verdade de Deus tornando-o só humano ou só divino. Para a hermenêutica teológica de José Tolentino Mendonça “não é só o homem que é mendigo de Deus. Em Jesus, Deus também se apresenta como mendigo do homem” (Mendonça, 2018, p. 18). Assim, atualização e realização traduzem para a atualidade o advento de Deus que mendiga o amor do ser humano.

A busca humana pela explicação das informações e fenômenos dados nas plataformas digitais muitas vezes adentram ao mundo da espiritualidade. Esse movimento, amplia e atualiza a visão-compreensão da revelação cristã nos acontecimentos do mundo. É na *dynamis* pneumatológica da fé, que se forma a consciência para a necessidade de relação dialógica intercultural, para a descoberta de uma Presença na relação com o outro, com a criação. Portanto atualização e relação evidenciam a beleza da revelação de Deus no mundo.

Conforme Soares, “o Vaticano II abriu uma temporada nova na Igreja como fruto de inesperada primavera, na intuição do Papa João XXIII” (Soares, 2015, p.8). Portanto, surge a compreensão de que é preciso atualizar a linguagem e o conhecimento das novas tecnologias. Na dinâmica da relação-atualização, o ser humano é identificado como atribuidor de sentido, alguém que está sobre o tecnológico. Com isso, compreender o ser humano é identificá-lo como um sujeito, que, conduzido pelo Espírito, abre-se para a relação consigo mesmo, com a comunidade e com a Trindade. “A Palavra de Deus realiza a comunhão entre os seres humanos e Deus e entre aqueles que o Senhor ama” (DV, n.3). Assim, no Espírito tem-se a atualização perfeita da mensagem evangélica, cuja expressão efetiva-se nas relações dialógicas. A Constituição Dogmática *Dei verbum* afirmar;

Estamos diante de um contínuo acontecimento da graça do Espírito Santo. Através da Palavra, ouvida, meditada e rezada, a pessoa é chamada a uma conversão constante, tornando-se, por sua vez, mensageira do Evangelho. Destarte, todos terão a vida e a terão em abundância (DV, n. 4).

No âmbito da revelação cristã, o diálogo aparece como noção vital no que tange a reflexão teológica em relação com a cultura. O diálogo entre ciência teológica e cultura digital é uma das tantas entre outras expressões de atualização da mensagem revelada. Atualizar-se é próprio da espessura histórica, pois faz ler o dado revelado a partir do presente projetando-o para o vir a ser de um futuro. Teologicamente, na atualização subsiste o *modus operandi* da fé que forma a identidade cristã. No horizonte eclesiológico, a atualização corresponde a uma *práxis* profética e não ideológica. Nesse contexto, há um resgate profundo do sentido da vida humana e da relação deste com o mistério de Deus, cuja manifestação é epifania de reconciliação. No movimento da atualização temos uma teologia da beleza sendo desenvolvida, na qual o bom, o bem e o belo são misticamente entendidos como amor.

3.3.1.A teologia da cruz como sentido da mística cristã na atualidade

De acordo com Forte, “a cruz é a beleza máxima que salva, pois é a máxima expressão do amor de Deus-Trindade no aniquilamento do crucificado” (Forte, 2006, p.6-12). Em uma hermenêutica fortiniana, a cruz sinaliza a consumação da plena revelação do Amor. Em meio ao mistério do silêncio Trinitário, a cruz é entendida pelo cristianismo como a Palavra mais potente a recriar salvando toda a criação. No silêncio do amor crucificado dá-se a mística do encontro e da reconciliação.

No contexto da cruz acontece a mística da *kénosis* de Deus, a consumação da sua autêntica experiência humana, o verdadeiro encontro entre o silêncio e a Palavra definitiva da revelação de Deus-Trindade. Para Silva, “o silêncio do Pai na paixão de Cristo não significa ausência, Deus acompanha seu Filho e sofre calado junto a ele” (Silva, 2021, p.128). Teologicamente, a cruz é símbolo e ao mesmo tempo sinal de uma beleza do todo que se manifesta no fragmento, como dom de salvação. Na abordagem teologia de Forte, o mistério da cruz apresenta-se como epifania da comunhão por excelência. É nela que se concretiza o esvaziamento do amor-serviço do Verbo Divino (Jesus de Nazaré), que vai da última ceia à morte de cruz. Segundo Forte “a cruz é expressão finita do acontecimento infinito que se desenvolve no seio da Trindade: por isso ela é a humilde porta que abre ao ser humano, o mundo de Deus” (Forte, 2006, p.289). É a ‘beleza da cruz’ que atualiza no tempo a história da salvação do mundo, cuja mística consiste na doação ao outro.

No atual contexto da “Era Digital”, a mística da cruz apresenta-se como via de diálogo com os desafios atuais, possibilitados, especialmente, pela absolutização do virtual-digital.

Segundo o apóstolo Paulo, o cristão “anuncia a Cristo crucificado” (1Cor 1,23). Assim, compreender a realidade histórica em desenvolvimento a partir das lentes da cruz significa desmascarar toda forma de crucificação que continua acontecendo em nossos dias, em todas as instâncias sociais da vida humana. A hermenêutica da cruz dilata-se no tempo, dando a possibilidade da experiência do sentir e pensar Deus no horizonte da fé.

A teologia cristã da cruz encontra o seu fundamento no horizonte da Trindade. Segundo Moltmann, “para Paulo, tanto o Pai como o Filho são sujeitos no evento da paixão” (Moltmann, 1975, p. 284). O sofrimento de Cristo é frutífero e pleno de sentido. Pode ser, hermeneuticamente, identificado como as dores de parto, que possibilitam o nascimento de uma nova vida. De acordo com o evangelista João, “quando a mulher está para dar à luz, entristece-se porque sua hora chegou; quando, porém, dá à luz a criança já não se lembra dos sofrimentos, pela alegria de ter vindo ao mundo um homem” (Jo 16,21). Nesse sentido, a cruz deixa de ser um sinal de morte e passa a ser útero da “nova humanidade”, redimida pelo sangue do Cordeiro de Deus. Assim, pode-se dizer, que a partir do Crucificado Ressuscitado, verdadeiramente humano e verdadeiramente Deus, a cruz passa a ser vista pelos cristãos de todos os tempos, como um sinal visível do amor infinito da Trindade, que continua salvando a humanidade, em vista da instauração definitiva do Reino. Na atualidade digital, a cruz impele a transformar as separações em processos de relação-comunhão. É vista como presença de Deus, nos porquês sem respostas da humanidade. Indicativo do advento da esperança de um novo céu e de uma nova terra (Ap 21,1).

Cristologicamente, a atualização que emerge da experiência da cruz é entendida como descoberta e acolhida da própria identidade humana-cristã que se faz síntese na relação com o outro e com o divino. No horizonte da cruz dá-se o sentido de um êxodo marcado pelo sofrimento a caminho do advento da ressurreição. Nesse sentido, o mistagógico movimento de relação com o Outro é termômetro de novas descobertas, de novas formulações que fomentam no crente um novo olhar diante do mistério existencial da vida. Segundo Bruno Forte “a fundamentação do compromisso moral situa na relação com os outros e na correspondência que a simples experiência do outro como outro exige do mundo do eu” (Forte, 2006, p.10). Logo, a relação entre fé e vida, na perspectiva da cruz, constitui um elemento importante, a ser considerado pela comunicação digital.

Na atualidade, entre tantos outros meios, a escuta de Deus é concreta na percepção e reconhecimento da pessoa do outro (pobre, excluído e por vezes marginalizado). É a partir da condição de finito em relação com o infinito, que a pessoa se dá conta da necessidade de uma

relação mais humana e humanizadora. Conforme Silva, “a Trindade nos ensina a amar: há momentos em que as palavras não importam, mas ‘o estar aí com’” (Silva, 2021, p.128). É próprio da natureza humana a dimensão do relacionar-se, cujo sentido encontra-se no sentir, que se radica no próprio modo do infinito Outro (Deus-Trindade) revelar-se a humanidade. Logo, atualização e relação constituem um movimento epifânico de transformação do ser humano naquilo que de fato o é: *imago Dei*. Na Era Digital, o ato de crer é originado e desenvolvido a partir da relação-escuta. O ser humano, enquanto sujeito de fé, em Jesus Cristo torna-se comunicador de uma verdade atualizada, que em si mesma é profundamente relacional.

A “Era Digital”, enquanto contexto, é em si mesma um desafio para a comunidade cristã e para a reflexão teológica. Nessa ambiência, crer no mistério de Deus, significa mudar a maneira de enxergar a si e aos outros, pois toma-se consciência de que são no Filho, filhos, portanto pessoas de comunhão. Assim, compreende-se e crê-se que “Deus é amor, portanto é uno, e o amor é sempre relação entre pessoas, deste modo é também trino” (Silva, 2015, p.90). Na mística cristã, o que define o ser humano como pessoa de fé é o amor. Esse, por sua vez, media os processos de relação com o todo da existência humana-cristã no mundo-vida. As plataformas digitais sinalizam espaços de compartilhamentos e expressões de uma fé que se converte em vida e ação testemunhal de uma verdade humana e divina.

A cultura virtual é via universal de uma experiência humana atualizada de Deus. Logo, atualização e relação fazem parte da lógica do atuar de Deus na história e da resposta do ser humano a Deus. Segundo Silva, “é importante entender que a rede de conexões não é um sacramento, mas, quando interligamos nossa vida a vida de outras pessoas nos dispomos a sermos canais da graça para os demais” (Silva, 2021, p. 136). Portanto, o mistério pascal de Cristo é cerne da atualização e da relação como vias de anúncio universal da mensagem redentora. Assim, atualizar-se é descobrir-se nos atos de redenção de Jesus, na Páscoa de Cristo, páscoa da Nova e Eterna Aliança.

Ao descobrir-se no mundo digital, o ser humano encontra-se com as possibilidades de transformações psicológicas, morais e religiosas, como em nenhum outro contexto social. As novas circunstâncias atingem singularmente o modo das pessoas pensarem e viverem a fé. A fé cristã é, sumariamente, de natureza trinitária e faz-se entender, concretamente, no âmbito da vida eclesial. A Igreja edificada na fé dos apóstolos tem a missão de formar e, ao mesmo tempo, identificar a experiência da comunidade humana na *práxis* do discipulado de Jesus Cristo. No tecido virtual-digital do desenvolvimento do “novo mundo” desvela-se um modo específico de interpretar e viver a fé. “Noções como tempo, espaço, comunidade, presença participação tão

centrais ao contexto religioso vão sendo reconstruídos e readaptados a uma nova configuração social” (Sbardelotto, 2017, p.50). Isso exige do indivíduo conhecimento e discernimento dos conteúdos oferecidos pelas plataformas digitais, os quais não possuem um controle. As atuais conexões interativas são responsáveis pela gestação de uma época de mudanças, na qual a forma de pensar do ser humano está a serviço de uma cultura universal, que nem sempre condiz com a realidade eclesiológica da fé.

3.4 Considerações parciais

Uma das características fundamentais da lógica midiática é a sua radical pluralidade. É o desenvolvimento, o fomento e a promoção da multiplicidade. Essas definições são bastante genéricas, todavia, traduzem o que representa a cultura digital para a fé cristã: um desafio ou risco, sobretudo quando se pensa na possibilidade de relativização da verdade revelada. Outro elemento extremamente importante a ser ressaltado é que a linguagem virtual pode distorcer a veracidade dos fatos apresentados. Por isso, os desafios atuais requerem uma reflexão aprimorada e discernida do que é apresentado em relação a fé no mundo digital. “Uma tão rápida evolução, muitas vezes processada desordenadamente e, sobretudo, a consciência mais aguda das desigualdades existentes no mundo, geram ou aumentam contradições e desequilíbrios” (GS n. 8).

Por meio da internet o ser humano tem a sensação de estar presente em todos os espaços e contextos, o que não significa, necessariamente, que compreenda todo o processo que passa. Esse meio de comunicação fomenta a sensação de poder e liberdade de transitar livremente pelo mundo todo. Basta um clique para viajar milhões de quilômetros em poucos segundos e ver uma realidade completamente diferente da anterior. Embora, sabendo da riqueza desta possibilidade, é necessário reconhecer também o quanto influencia na formação da consciência imediatista, pois nem sempre a realidade corresponde com a ficção vista no mundo virtual.

Em contrapartida, apesar dos pontos evidenciados, que não são simplesmente uma visão negativa, mas uma realidade desafiadora, percebe-se muitos elementos positivos na cultura digital, tais como: a consciência de que Deus é sumamente livre dos atributos que o ser humano tenta impor, oferece novas propostas e possibilidades para esclarecer e repensar a própria convicção de fé num mundo em transformação, com novas identidades culturais. Segundo Bruno Forte “a história de Jesus foi marcada como toda a história humana, por um avanço progressivo em direção à luz de uma autoconsciência mais clara e de um conhecimento mais

completo dos outros e de Deus” (Forte,1987, p.220-221). A vida e missão de Jesus é totalmente marcada pela relação de intimidade orante-dialogal com o Pai e, ao mesmo tempo, pelo encontro diário com as pessoas, pelo conhecimento das Escrituras, pela cultura de Israel, na qual ele experienciava os novos conhecimentos.

No horizonte da atualização e da relação como epifania de uma teologia da cultura encontra-se Jesus de Nazaré, o Filho amado de Deus. Ele, sabiamente, dialogava com às realidades de seu tempo, no escutar e falar com o Pai, atento e solícito às necessidades do povo de sua época. A experiência de Jesus é, eminentemente, de natureza comunitária, o que o faz protagonista de uma amizade social marcada pelo esperar da caridade, isto é, pela prática do amor até o fim (Jo 13, 1). A revelação divina dá a fonte da vida (Jesus Cristo) e, simultaneamente, educa para fazer comunicação à serviço da vida de todas as pessoas. A Palavra revelada é caminho e luz para todos os povos, raças e culturas.

O *Logos* eterno de Deus ao entrar no mundo dos homens e mulheres fez uso da linguagem e dos espaços humanos para comunicar a Boa-Nova do Reino de Deus. Logo na atualidade, a cultura digital com suas redes e espaços de interatividade e conexões são vias para levar adiante a beleza da essência do mistério de Deus, revelado a toda a criação e humanidade. Em suma, se a fé cristã é realização da vontade salvífica de Deus, na era digital, as plataformas e redes podem favorecer uma experiência sempre nova da Revelação trinitária, sem que exista uma substituição de relação presencial pela virtual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória percorrida neste estudo permitiu encontrar uma visão global para entender que, na atualidade, a internet, mais do que um sistema, é um contexto, a partir do qual é possível a experiência mística do relacionar-se consigo mesmo, com o outro e com o mistério da revelação de Deus. O ser humano envolto da cultura digital é capaz de agilizar informações e, acima de tudo, atualizar e alargar os horizontes da conexão, a fim de alcançar a estatura da comunhão eclesial. A internet, quando vinculada a *práxis* teológica-eclesial pode se tornar um bem à serviço da evangelização dos povos e das culturas. Enquanto extensiva e expressiva em suas plataformas (redes sociais), pode ser definida como *locus* teológico, isto é, lugar de fala e escuta da absoluta autocomunicação do Pai, mediante o Filho no Espírito Santo.

O encontro mistagógico com o mistério trinitário de Deus arranca as pessoas da solidão, é chave para uma comunicação da fraternidade universal. O encontro com o outro leva a rever os próprios conceitos, o próprio modo de viver. Abrir-se ao relacionamento com o outro, que traz sempre uma novidade é oportunizar um crescimento pessoal e, ao mesmo tempo, comunitário. A comunidade entende-se e cresce à medida que seus membros crescem individualmente.

A vida humana é abrigo (templo) da Trindade. Assim, só em Deus é possível desejar e comprometer-se com a eterna profecia da comunhão no seio da Igreja. É por meio da comunicação do que se é e se tem que se realizarão enquanto pessoas em Deus. A fonte e origem da verdadeira comunicação e comunhão encontra-se na Trindade. Deus comunicou-se no amor, por primeiro e inteiramente a toda criação, da qual é parte a humanidade. Assim, pode-se dizer que é no horizonte da Trindade que a humanidade encontra o sentido de ser em diálogo com as realidades possíveis, inclusive com a cultura digital.

É indispensável ter claro que o *Logos*-Filho, que converte as expectativas humanas, exige uma “virada” e aceitação da palavra salvífica. Nesse sentido, é interessante observar que a fé revelada transcende a todas as formas de comunicação humana. O anúncio da Boa Nova revelada, enquanto inspiração do *Pneuma* santo de Deus, não pode ser retida pelos meios que a facilitam. Logo, a internet com suas múltiplas plataformas pode ser vista como *locus* teológico, no qual é possível uma reflexão aberta e transparente a respeito da fé.

Na atualidade, crer significa ver internamente aquilo que de fato se revela transcendentalmente nas entrelinhas da história. Nesse caso, é necessária a atitude pessoal de conexa-interação que dará ou não o “espaço”, no qual o ser humano poderá contemplar o

mistério salvífico da graça, revelado e consumado plenamente na Pessoa de Jesus Cristo, crucificado, morto e ressuscitado. A partir da ressurreição de Cristo a humanidade é submersa na perene novidade da vida do Espírito. Inaugura-se um novo tempo, de visões e conexões novas, capazes de estabelecer comunhão com a revelação Divina por meio da fé. A fé abre o horizonte do coração para o discernimento dos sinais dos tempos e acolhida do Espírito, que faz a missão acontecer na história como comprometimento com o irmão e com sua alteridade.

Envolto à sombra do Altíssimo, o ser humano é capaz de perpetuar a presença de Deus no mundo. O Espírito forma a comunidade dos discípulos para serem testemunhas da vida e obra de Jesus, alargadores da experiência da Nova e eterna Aliança, realizada de uma vez por todas, pelo Filho eterno de Deus. A Era Digital resgata o saber de que comunicação, religião e teologia estão intrinsecamente ligadas e marcam, consideravelmente, as experiências de fé. Na perspectiva da práxis pastoral é importante o aprender a fazer uso das redes sociais. O próprio Jesus utilizava-se eticamente da linguagem e dos meios de sua época, para fazer chegar a todos a Boa Nova do Reino. O anúncio da verdade trinitária, feito pelo Verbo Divino, via parábolas promovia a dignidade da pessoa humana. Logo, a internet, no tempo presente, apresenta-se como um contexto no qual é possível descobrir e fazer a experiência da proclamação da fé na beleza do mistério eterno de Deus.

Desta forma, a presente pesquisa intencionou oferecer uma reflexão e um horizonte que evidenciasse o tema da Revelação cristã dentro do contexto conceitual de Era Digital. Os argumentos teológicos apontados na dissertação possibilitaram analisar e compreender o fenômeno do conhecimento de Deus, que na atualidade é expressivo nas ambiências digitais, isto é, na internet. Nela, o ser humano, enquanto pessoa de fé, é capaz da cultura do encontro, que supera os aspectos da conexão, em vista da experiência de uma *koinonia* eclesial, aberta ao diálogo com as culturas hodiernas.

É preciso considerar que na atualidade há uma busca pelo sentido da vida. O ser humano tende a retornar ao encontro do mistério de Deus. Esse retorno exige uma perseverança no peregrinar da fé, que passa pela mística do entrar em si para escutar e falar com e do Deus revelado no atual e complexo *locus* da fé, isto é, da internet. É no reencontro com o Verbo de Deus feito carne que tornar-se-á possível o diálogo entre teologia e cultura. Em síntese, a abordagem feita nesse trabalho foi eminentemente pastoral. Os aspectos tratados aqui podem servir como base para uma estrutura missionária mais atenta à realidade na qual encontra-se o ser humano na busca constante pelo sentido de sua vida.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Aurélio (Santo Agostinho). **Confissões**. Tradução J. Oliveira Santos, S.J. e A. Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo: Nova Cultura (Coleção Os Pensadores), 2004
- AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. Porto Alegre: Condição Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brides; Universidade de Caxias do Sul; sulina, 1980
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2004
- BOFF, Leonardo. **A Trindade e a Sociedade**. Petrópolis, RJ: Vozes: 2014
- BUYST, Ione. **Alguém me tocou! Sacramentalidade da Liturgia na Sacrosanctum Concilium (SC). Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia**. Revista de Liturgia, São Paulo, n. 176, p.4-9, jul. ago. 2003
- BLOCH, Ernest. **Das Prinzip Hoffnung**. Frankfurt, 1959
- BUARQUE, Aurelio de Holanda Ferreira. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2005
- COMBLIN, J. **O Espírito Santo e sua missão**. Breve curso de teologia. São Paulo: Paulinas, 1984
- CONGAR, Yves. **Creio no Espírito Santo 1. Revelação e experiência do Espírito**. São Paulo: Paulinas, 2005
- ELIADE, Mircea. **Il Mito dell'Eterno Ritorno**. Roma: Borla, 1989
- FISICHELLA, Rino. **Introdução à teologia fundamental**. São Paulo: Loyola, 2000
- FREINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. **Mysterium Salutis. Fundamentos de dogmática histórico-salvífica: revelação de Deus e resposta do homem**. Petrópolis: Vozes, 1965
- FORTE, Bruno. **A teologia como companhia, memória e profecia: introdução ao sentido e ao método da teologia como história**. São Paulo: Paulinas, 1991
- FORTE, Bruno. **À escuta do outro: filosofia e revelação**. São Paulo: Paulinas, 2003
- FORTE, Bruno. **A Trindade como história: ensaio sobre o Deus Cristão**. São Paulo: Paulinas, 1987
- FORTE, Bruno. **A porta da beleza. Por uma estética teológica**. Aparecida, SP: Ideia & Letras, 2006
- FORTE, Bruno. **Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história**. São Paulo: Paulinas, 1987
- FORTE, Bruno. **La Trinità, Fonte di ispirazione per la Comunità dei Popoli Europei**. Il Nuovo Areopago, 1999
- FORTE, Bruno. **La bellezza de Dio**. Milano: Edizioni San Paolo, 2006
- FORTE, Bruno. **L'Eternità nel Tempo: per un'etica ed un'antropologia sacramentale**. Rivista di Scienze Religiose, Roma, v.8, p.17-35, 1994/1
- FORTE, Bruno. **L'Eternità nel Tempo: saggio di antropologia ed ética sacramentale**. Milano: Pauline, 1993

- FORTE, Bruno. **La Parola della Fede: introduzione alla simbolica ecclesiale**. Milano: San Paolo, 1996
- FORTE, Bruno. **Teologia da História: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação**. São Paulo: Paulus, 1995
- FORTE, Bruno. **Um pelo outro: por uma ética da transparência**. São Paulo: Paulinas, 2006
- FORTE, Bruno. **Para onde vai o cristianismo?** São Paulo: Loyola, 2003
- LATIMER, Hugo. Verbete 2. In Lacoste, Jean-Yves. **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 1998
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010
- LÉVY R., Il virtuale, Raffaello Cortina, Milano, 2000
- LÉON-DUFOUR, Xavier et al. **Vocabulário de teologia bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1992
- LIBANIO, Batista João. **Teologia da Revelação a partir da Modernidade**. São Paulo: Loyola, 2015
- LIPOVESTSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaio sobre individualismo contemporâneo**. Lisboa: Relógio D'Água, 1983
- LUTERO, Martinho. Verbete 3. In: LACOSTE, Jean- Yves. **Dicionário crítico de teologia**. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004
- MACKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1984
- MARTINEZ-DIEZ, F. **Teologia da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1997
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964
- MENDONÇA, José Tolentino. **Elogio da Sede**. São Paulo: Paulinas, 2018
- MIRANDA, Mario França. **A Igreja numa sociedade fragmentada**. São Paulo: Loyola. 2006
- MIRANDA, Mario França. **A Salvação de Jesus Cristo**. São Paulo: Loyola. 2004
- MOLTMANN, Jurgen. **Il Dio Crocifisso: la Croce di Cristo, fondamento e critica della teologia Cristiana**. Brescia: Queriniana, 1975
- MONLOUBON, L.; DUBUIT, F.M. **Dicionário bíblico universal**. Aparecida: Santuário; Petrópolis: Vozes, 1997
- NEUTZLING, Inácio. **Uma época de mudanças. Uma mudança de época**. In SILVA, Aline Amora da. **Catequese digital: por onde começar?** São Paulo: Paulus, 2021
- PAGOLA, José Antônio. **Jesus. Aproximação Histórica**. Petrópolis: Vozes, 2010
- POMPILINI, D., Il nuovo nell'antico. **Comunicazione e testimonianza nell'era digitale**. San Paolo, Cinisello Balsamo (MI) 2011
- PUNTEL, Joana T. **Comunicação: diálogo dos saberes na cultura midiática**. São Paulo: Paulinas, 2010
- QUEIRUGA, Torres A. **La revelación de Dios em la realización del hombre**, Madrid, Cristiandad, 1987
- RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé: Introdução ao conceito de cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1989

- RAHNER, Karl. *Experience of the Holy Spirit. Theological Investigations*, New York: Crossroad, 1983
- RAHNER, Karl. **Escritos de Teologia VI**. Madrid: Taurus Ediciones, 1967
- RAHNER, Karl. **Teologia e Antropologia**. São Paulo: Paulinas, 1969
- RAHNER, Karl. **Uditori della parola**. Torino: Borla, 1967
- SPADARO, Antonio. **Ciberteologia: Pensar o Cristianismo nos tempos da rede**. São Paulo: Paulinas, 2012
- SPADARO, Antônio. Palestra. In: Seminário de Comunicação para os Bispos do Brasil realizado em Aparecida, São Paulo, 14, 15, 16 jul. (Editor da Revista La Civiltà Cattolica)
- SOARES, Afonso Maria Ligorio. **Revelação e diálogo intercultural: nas pegadas do Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015
- SILVA, Aline Amaro da. **Catequese digital: por onde começar?** São Paulo: Paulus, 2021
- SEBOUÉ, B. **O magistério em questão. Autoridade, verdade e liberdade na Igreja**. Petrópolis. Vozes, 2004.
- SEBOUÉ, B e THEOBALD, C. **História dos dogmas-tomo 4-A palavra da salvação**. São Paulo, Loyola, 2006
- SCHILLEBEECKX, Eduard. **Il Cristo: la Storia di una nuova Prassi**. Brescia: 1980
- SCHILLEBEECKX, Eduard. **A essência do cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 2003
- SCHILLEBEECKX, Eduard. **História Humana; revelação de Deus**. São Paulo: Paulus, 1994
- SOUZA, J.N. **Imagem humana à semelhança de Deus: proposta de antropologia teológica**. São Paulo: Paulinas, 2010
- SOUZA, José Nivaldo. **Para onde vai o cristianismo?** São Paulo: Loyola, 2003
- SOBRINO J. **A fé em Jesus Cristo. Ensaio a partir das vítimas**. Petrópolis, Vozes, 2000
- SANTAELLA, Lucia. **Linguagem liquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007
- SBADELOTTO, Moisés. **E o Verbo se fez rede: religiosidades em construção no ambiente digital**. São Paulo: Paulinas, 2017
- SEQUERI, P. **Comunicazione, fede, cultura. Rassegna di Teologia**, n.40, 1999. *Apud*: MIRANDA, Mario de França. **Existência cristã**. São Paulo: Loyola, 2005
- TRESMONTANT, C. **O problema da revelação**. São Paulo: Paulinas, 1972
- VIEIRA, Luiz. **Jesus na perspectiva Latino-Americana. Um paradigma de comunhão**. São Paulo: Baruch, 2023
- ZILLES, Urbano. **Desafios atuais para a Teologia**. São Paulo: Paulus, 2020
- DOCUMENTOS DA IGREJA**
- BENTO XVI. **Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo, de amizade**. Mensagem para o 43º Dia Mundial das comunicações, 2009
- BENTO XVI. **Silêncio e Palavra: caminho de evangelização**. Mensagem para o 46º Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2012
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**. São Paulo: Loyola, 2000
- CELAM. **Documento de Aparecida. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. CNBB; São Paulo: Paulinas, 2007
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (NBB). **Diretrizes gerais de Ação Pastoral da Igreja no Brasil (2022-2015)**. São Paulo: Paulinas, 1995

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica Fides et Ratio: sobre as relações entre fé e razão.** São Paulo: Paulinas, 2010

JOÃO PAULO II. **Carta Encíclica Redemptoris Missio.** São Paulo: Paulinas, 2005

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO.

Documento da Igreja 61. Diretório para a Catequese. Brasília: Edições CNBB, 2020

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica pós-sinodal “Amoris Laetitia”: sobre o amor na família.** Vaticano: Ed. Vaticano, 2016. Versão em português. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html. Acesso em: 25 março 2024.

VATICANO II. **Constituição Pastoral Gaudium Et Spes.** Petrópolis: Vozes, 1969

VATICANO II. **Constituição dogmática sobre a Revelação divina. Dei Verbum.** Petrópolis: Vozes, 1969

VATICANO II. **Constituição dogmática sobre a Igreja Lumen Gentium.** Petrópolis: Vozes, 1969

SITES ELETRÔNICOS

CASEY, Cheryl. **Symbol and Ritual Online.** In: **XCIV CONVENÇÃO ANNUAL DA NATIONAL COMMUNICATION ASSOCIATION.** San Diego, 20 nov. 2008. Disponível em: <http://migre.me/4zX61>. Acesso em: 17 fevereiro 2024.

SBARDELOTTO, Moisés. E o Verbo se fez bit uma análise da experiência religiosa na Internet. Caderno IHU on-line (Revista do Instituto Humanitas Unisinos), ano 9, n.35, p.50. Disponível em: <http://migre.me/4zX61>. Acesso em 17 fevereiro 2024

SILVA, Aline Amaro da. **Cíbergraça: fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede.** Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://tede2.puers.br/tede2/bitstream/tede/5993/2/468444%20%20texto%20completo.pdf>> Acesso em 19 março 2024

TERCEIRO, José. [Internet: o milagre da Era digital ou a ameaça da bomba informática]. Disponível em: <http://migre.me/4zX61>. Acesso em 17 fevereiro 2024